

Manifesto Masajis como suturas com fios desmcapades

“Ao teu encontro, Homem do meu tempo,
E à espera de que tu prevaleças
À rosácea de fogo, ao ódio, às guerras,
Te cantarei infinitamente à espera de que um dia te conheças
E convides o poeta e a todos esses amantes da palavra, e os
[outros,
Alquimistas, a se sentarem contigo à tua mesa.”

Esses versos de Hilda Hilst integram o conjunto “Poemas aos homens do nosso tempo”, publicado em 1974, no livro *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*. Escritas nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira por uma autora que não filiava sua literatura a nenhuma tendência política em voga no período, nem aderira sua obra à determinada corrente ideológico-partidária, essas linhas poéticas abrem a inquietação e o desejo de produzir um curto-circuito pela diferença que estão por trás deste Manifesto-Mosaico.

Tomado por uma situação, no mínimo, extraordinária, o ano de 2020 se revelou, logo no início, um marco histórico para a humanidade. Do ponto de vista planetário, um vírus respiratório se espalha em progressão geométrica

dizimando muitas vidas; no Brasil, a pandemia do Coronavírus traz à tona as contradições mais profundas da nossa realidade socioeconômica e cultural, e evidencia um projeto político de morte articulado pelo governo federal. Escancara-se o abismo entre ricos e pobres, o racismo estrutural, e o desprezo pelos povos indígenas.

Por encararmos a produção acadêmica, artística, cultural e poética como parte da construção simbólica de nosso tempo, e implicados em nossa contemporaneidade como agentes que afetam e são afetados, atuam sobre o seu entorno, e, nessa medida, movimentam os sentidos do existir e do reexistir, propusemos a pesquisadores, críticos, escritores, poetas, ensaístas, editores, professores duas questões-provocação como disparadoras de reflexões acerca desse instante-já da humanidade:

Qual a possibilidade da ficção e da poesia diante da urgência do real e dos limites escancarados de nossa civilização?

e

Qual a revolução ou resistência pode ser encampada em nosso tempo?

As indagações ataçaram fogo nos imaginários de nossos convidados que, amantes das palavras e das imagens, tal qual alquimistas, criaram formas poéticas, desenharam

pontos de fuga, intentaram respiros, remontaram a outras fontes e temporalidades, mobilizaram insurgências, vocalizaram revoltas e resistências, tatearam perguntas-sem-fim, e, sobretudo, não se furtaram de expor seu estado de presença quando tudo o mais parece um fundo oco abissal e vazio.

Nas páginas que seguem, tecidas pela artista têxtil Valéria Aranha¹ e organizadas pelas propositoras Aline Novais de Almeida e Juliana Caldas, fios entrelaçam e bordam o Manifesto-Mosaico, que intenta resgatar a tradição das mulheres tecelãs, desde Penélope, Ariadne, nossas avós, mães, tias, as quais, diante de um evento inesperado, ordenam o caos em retalhos, tiras, vestígios, pistas enquanto tramam saídas.

Em torno de cinco verbos que condensam as textualidades trazidas pelos nossos convivas. Conectar. Relacionar. Inventar. Sonhar. Transitar. Planos de ação estendem a língua para o ato em si. Imaginários se ligam pelo desejo mesmo de amar o mundo e todas as coisas apesar de. É uma pós-utopia para onde nos movemos, impermanentes, não em direção ao futuro-sem-fim do progresso, mas à ocupação onírica do presente a céu aberto, como já o fazem os poetas, os loucos, os

¹ Designer têxtil, executa projetos criativos em tricô, crochê, bordado, costura e modelagem. Instagram: @matriochka_lab. Email: valeriaranha@gmail.com

tristes, os alquimistas, os artesãos, os andarilhos,
os sem-teto...

Aline Novais de Almeida²

Juliana Caldas³

2 É mestra e doutora em Letras pela FFLCH-USP. Atua como professora de língua portuguesa e literatura, e pesquisadora, com experiência em crítica genética, literatura brasileira e modernismo. E-mail: alinenovas@gmail.com

3 Professora, editora e artista-pesquisadora intermeios (literatura e artes visuais/ performance). Atualmente, é doutoranda na área de literatura brasileira da USP com pesquisa sobre poesia e performatividade. E-mail: jubscaldas@gmail.com

conectar

Literatura como resposta ao real: uma possibilidade

O que há de urgente no chamado real? As notificações das redes sociais a brotarem ininterruptamente? A mídia e as séries de *streaming* a sugerirem comportamentos, atuando como protagonistas na formação da subjetividade, saciando nosso desejo de ficção? Estaríamos numa crise da palavra frente à imagem, ou seja, numa passagem de um horizonte mais grafocêntrico para um mais **imagético**? E o discurso político?... Como ele se faz urgente? Se antes o cenário já parecia intenso com as chamadas "Jornadas de junho", Copa do Mundo, Olimpíadas, Petrolão; como lidar com o agora em que o presidente da república ameaça entrar em guerra com país vizinho, comete gafes ao citar parceiros econômicos, elogia torturador, fica ao lado de um vírus? Vírus esse que também intensificou o senso de urgência, mudou globalmente a maneira de lidar com o entorno. O que pode a literatura frente a isso tudo? Ela não impediu Auschwitz. Não foi cura para todo mal. Talvez o que ela tenha a contribuir é o trabalho com a linguagem, com a palavra. O tempo mais lento que ela demanda, o investimento sobre o modo de dizer algo pode contribuir para que o leitor veja

de modo distanciado esse entorno trágico e pulsante; algo como o que Ítalo Calvino, ao falar da leveza, sugere ao citar Perseu: lidar com o monstro de modo indireto, sobrevoando-o, vendo-o no reflexo do escaudo – uma possibilidade⁴.

Paulo Caetano – doutor pela UFMG e mestre pela Unicamp. É professor de literatura e outros sistemas semióticos na Unimontes e autor de *Achados avulsos* (Fi Editora, 2019) e de *Sul do chão* (Excelente produções, 2010).

4 Versão completa do texto encontra-se no link: [https://www.academia.edu/43008380/Literatura como resposta ao real uma possibilidade](https://www.academia.edu/43008380/Literatura_como_resposta_ao_real_uma_posibilidade)

Como tudo, literatura e palavras de ordem são mercadorias. Afirmar isso significa mais do que ressaltar que elas têm um valor de troca. No mundo das *hashtags*, espécie de radicalização da forma slogan, as palavras (literárias, panfletárias) costumam a significar algo. Parecem não ser nem *transparentes* nem *opacas*: são etiquetas cujas substâncias de ordem mais profunda raramente são auscultadas.

Há um chavão que, entre variantes, volta e meia escutamos por aí: *a literatura pode ser política, desde que não seja dogmática nem panfletária*. De saída, o enunciador da frase defende a literatura de algo abstruso. Parece desejar, sobretudo, a palavra-etiqueta: *político*. Mas não quer carregar o fardo substancial de ter uma posição política. Recusa-se, de saída, sem se refletir sobre nomes ou partidos ou organizações ou movimentos, um passado (ou presente?) em que a interação entre política e literatura produziu o *dogmático* (o que é dogma?) e o *panfletário*, retirando - de saída, não custa repetir - a dignidade do panfleto. O enunciador do chavão se esquece de que uma das formulações mais contundentes acerca da modernidade - *tudo o que é sólido se desmancha no ar* - integra um panfleto escrito em 1848. O panfleto não recusa, necessariamente, a complexidade

que momentos históricos decisivos demandam. Na recusa abstrata do panfleto há mais simplismo do que o senso comum pode suportar. Na ação de dar a extrema-união a determinadas discussões pode haver um tanto de dogma.

No medo de nosso enunciador metonímico se encerram alguns dos problemas que precisamos superar: as palavras e as ideias não são coisas; têm história e precisam ser debatidas. Podemos recusá-las ou aceitá-las, mas precisamos tecê-las antes de puxar um fio que as desfaça, ou que as transforme em outro objeto. Recusar a hashtag, a etiqueta, o abracadabra que podem envolver as palavras: eis o desafio de nosso tempo. Apenas com o verdadeiro pensamento, que envolve um tanto de alma, poderemos encampar uma verdadeira revolução (no sentido moderno). Observar, pensar e construir: fios de lã entrelaçados, verbos em movimento.

Carolina Serra Azul - doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH-USP. É pesquisadora e professora de literatura.

O mundo passa por seu **colapso** simbólico mais dramático. A massificação na produção do sentido social via redes digitais precipitou uma hiper reorganização nos processos de significação e interpretação. O impacto dessa “**remexida**” na linguagem na experiência de ler o mundo é colossal.

Há processos agônicos em curso, como a literalização excessiva do enunciado e seu respectivo contrário: a metaforização exacerbada. Parafraseando Hobsbawm, é a era dos extremos, mas dos extremos linguísticos. Esses extremos permitem a emergência da ideia de pós-verdade, no fundo, mais um simulacro da desorganização semântica que pressiona as interpretações bem comportadas.

O processo de reacomodação histórica da linguagem e da subjetividade é labiríntico. Sua própria leitura técnica é afetada pela dominância de uma linguagem em colapso. O exercício de metalinguagem se torna mais difícil, exige mais ousadia e, ao mesmo tempo, responsabilidade ética.

Essa “entropia linguística” responde, tragicamente, pelo reaparecimento do fascismo e todo o seu aparato de esmagamento do sentido e do humano.

Para se reacomodar em novos parâmetros, a linguagem - em toda a sua complexidade histórica composta por memórias, **fragmentos**, traumas, narrativas e repetições - acaba por permitir a emergência de seu pesadelo máximo: a aniquilação do sentido via dessubjetivação, na ânsia das polarizações ideológicas (lembrando que a ideologia, nos termos de Althusser, é o que possibilita uma língua pública - ou de uma língua social, permeada por sentidos consolidados no tempo e nas instituições).

O fascismo não quer apenas aniquilar pessoas de carne e osso: quer **aniquilar** a linguagem, a possibilidade mesma de enunciar, a mera palavra. É falso dizer que o fascismo trava uma disputa narrativa com a civilização. Se houvesse disputa, estaríamos na experiência histórica pré redes sociais, em que o contraditório subsidiava mudanças de visão de mundo e licenciava a existência de um debate.

O momento agora é de esmagamento, de aniquilação do humano em toda a sua estrutura mais delicada e sutil: a própria linguagem.

Este momento, no entanto, é um corolário da reorganização massiva de toda a nossa atividade languageira, que se projeta nos dispositivos eletrônicos e retorna para nossas práticas de subjetivação. O celular, o WhatsApp, o Twitter e todo o processo de enunciação que ali se desenrola de maneira coletiva fazem parte da nova economia psíquica imposta pelas contingências históricas.

Nesse contexto, o gesto ficcional se **estilhaça** e se fortalece, com um infinito ainda mais amplo – sic – do que aquele postulado pelas narrativas “individualizantes” do passado recente. A possibilidade do romance coletivo (escrito a milhares de mãos), da combustão narrativa digital, da ressignificação dos processos de autoria (tão frágil e tão recente) passa cumprir o novo desa**Fio** de modalizar uma linguagem em colapso.

As buscas românticas por aceitação intelectual, pelo sonho joyceano de se tornar um autor espetacular e pela inocência de pertencer ao cânone para poder ostentar sorrisos inteligentes na cambaleante cobertura cultural deste tempo que se vai caem por terra diante de missão muito mais interessante que é a experiência de dialogar com a coletividade narrativa

PULSANTE e com a linguagem em processo pleno de redescoberta.

A catástrofe da realidade presente transcrita com requintes de crueldade técnica (leia-se precariedade técnica ou acanhamento técnico) pelos escribas do relato que habitam este tempo de trevas está prestes a dar lugar a uma nova safra de leituras do mundo e do humano (e da própria linguagem).

Não consigo ver cenário mais vibrante.

Gustavo Conde - músico, linguista e desinflunciador digital. Mestre em Linguística pela Unicamp, é jornalista do site Brasil 247.

Horácio

Conheci "Horácio" (nome fictício) pelas redes sociais. Eu fazendo um curso on-line. Ele também. Sua etnia é bem diferente da minha. Ele mora há 8 horas de diferença em um país patriarcal, organizado por um sistema de castas. Parecido em certos aspectos com o Brasil. Com altos indicadores de violência contra a mulher: 40% da taxa mundial de suicídios femininos; casamentos precoces antes dos 18 anos. Um dos quatro países mais perigosos para as mulheres, conforme o deus Wikipedia. Entramos em contato algumas vezes. Seguindo os protocolos dos estágios a que a cultura civilizadora impõe. Passados alguns dias, o gelo foi sendo quebrado, com Horácio me esclarecendo a finalidade do contato. Entro em um grupo de trabalho e ação on-line, criado por Horácio. Em uma mensagem por aplicativo me informa que lá em seu país, já é madrugada. Em outra mensagem durante a semana me indaga o que tive para almoço. E eu respondi na língua universal: "chicken, rice and potatoes". Horácio silencia por alguns dias. E eu sigo acreditando que o momento ápice ainda não havia chegado. É domingo. Em uma nova troca de mensagem Horácio me deseja um bom dia. E que todos em casa estejam bem. "Eu estou sempre muito bem", adiantou. Eu respondi que também ia bem, não quis deixar nada

a perder. Nem pensei em acrescentar que estamos em uma pandemia. Mas, que morava sozinha. Horácio me indaga sobre questões profissionais. E pergunta em seguida a minha idade. E eu respondo secamente: "56". Alguns segundos, imensos segundos se passam. Conteei na tela: 180. Parecia uma eternidade. Horácio responde gentilmente que "teria muito o que aprender comigo". E eu respondo agradecendo. Horácio em seguida me questiona se tenho "marido", se sou "solteira" ou se tenho "filhos". E eu respondo: "No kids, no husband. Just ex-boyfriends". E desculpa-se em seguida pela intimidade que invade. E eu lhe peço que responda as mesmas questões. "I am 33". "I am marry and living with my wife". I had a baby born, but he passed away", disse. Naquele momento cruzei mentalmente os dados com imagens e fotos encontradas em seu perfil numa rede social, nos quais aparecia, na maioria das vezes, sozinho. Seguimos por mais 1 minuto. Eu acreditando que o pouco de romantismo que talvez existisse já havia evaporado. E Horácio me pergunta: "Since how many years... without boyfriend please?". "6 months", respondi, enquanto pensava no tempo passado com um amigo beniano, com o qual flertava e me encontrava quase diariamente. Ao que Horácio me devolveu: "okay".

Rosa Meire Carvalho de Oliveira - mestra e doutora em Educação, Comunicação e Cibercultura pela UFBA. É jornalista, feminista, pioneira nos estudos sobre blogs no Brasil e professora universitária. Integra o Núcleo 3 - Grupo de Pesquisa de práticas e produtos discursivos da cultura midiática (Pós-Cultura/UFBA).

As palavras, muito cedo, se desgastam. Uma arte que as tome integralmente, como matéria e instrumento, não pode perder isso de vista. Cada signo verbal está aberto aos mais sinuosos usos (“a contribuição milionária de todos os erros?”), o que, por sua vez, impede que expressões cristalizadas permaneçam incólumes às transformações objetivas no mundo. A associação, por exemplo, entre “literatura” e “resistência”, quando celebrada em termos imediatos, sem afritos, se converte em seu oposto: na vaga indulgência do microcosmos literário, a naturalização de um suposto caráter político inerente à escrita parece desobrigar os produtores de textos (ficcionais ou não) a uma pesquisa consequente com relação à(s) linguagem(ns) deste tempo, no qual expedientes violentos, como a bravata, têm se banalizado como uma espécie de dicção compartilhada – o que é, obviamente, terrível.

Por outro lado, a projeção superlativa das redes sociais, nas quais tudo parece indistintamente urgente, também comporta uma enorme armadilha à literatura: ao tentar acompanhar o ritmo ditado pela timeline (em que todo post tende, em questão de dias, ao desaparecimento), a linguagem se torna ela mesma diluente. O escritor que, de maneira automática, produz

dentro dessa lógica de alta demanda sem acúmulo, talvez não perceba que seu esforço esbarra num limite formal: concorrendo, por exemplo, com um meme, um poema é sempre duplamente defasado, já que não viraliza sua “estrutura-conteúdo” (para além do círculo estrito de produtores), nem instaura um outro tempo de interação (fundamental na criação de um espaço coletivo para a literatura). O artigo polêmico da semana, promovendo um debate esvaziado, ou o textão ensaístico, propondo uma reflexão bem meditada, desaparecem da mesma maneira, sem a ancoragem das remissões que, em linhas gerais, constituem aquilo que se chamava “sistema literário”.

Não quero sugerir, com isso, que o escritor deva abdicar das redes sociais que regem hoje boa parte da vida cultural – sobretudo num país de espaço público escasso e restritivo, como o Brasil. Todavia, reconhecer as próprias limitações é uma condição fundamental a qualquer atividade criativa que, num momento de acelerada **desolação**, queira instituir alguma resistência. Uma primeira tarefa – impossível, como todas as tarefas realmente importantes – seria resgatar o diálogo ativo entre escritores (internalizado nas obras) ou, no caso da crítica, arriscar um exercício comparativo que possa, aos poucos, **ENTRELAÇAR** as obras

já existentes (definindo semelhanças e diferenças entre as propostas estéticas hoje em curso). Isso não resolveria nada, efetivamente – mas daria forma a nossa própria irresolução.

Renan Nuernberger – doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH-USP. Autor de *Mesmo poemas* (Sebastião Grifo, 2010) e *Luto* (Patuá, 2017), organizou *Armando Freitas Filho* (EdUERJ, 2011) e coorganizou *Neste instante: novos olhares sobre a poesia brasileira dos anos 1970* (Humanitas, 2018).

Dos desconcertos dos dias

Até então a mais devastadora pandemia do século 21 atesta e renova a **força** da Arte. Ainda que novas configurações se imponham nos cenários pós-apocalípticos das relações humanas, a exemplo das *lives* de rede social, da difusão de conteúdos via *podcasts*, das configurações profissionais via ferramentas digitais, do famigerado trabalho de aulas remotas – imposto a professores e estudantes –, da naturalidade dos fascistas que invadem botequins e passam a defender a derrocada das instituições à luz do dia, os sinais de esperança e alento me rodeiam: nos livros obrigatórios para a conclusão de uma tese, nos discos difundidos em plataformas de *streamings*, nos movimentos de uma bailarina do Bolshoi, nas surpresas de Banksy, nos encontros explosivos entre Sandra Oh e Jodie Comer, nos monstros marinhos de Theo Jansen, na assertiva de Tom Zé, encaminhada aos meus alunos numa sexta-feira eu quase fui vencido pelo desespero. Amanhã de manhã, a felicidade vai desabar sobre os homens.

Se a evolução tecnológica afastava a humanidade da consciência da **morte**, o ano de 2020 veio para

bagunçar, mais uma vez, o jogo, reimprimindo a face da catástrofe e a ideia de finitude da vida humana. Eterna e revolucionária, a Arte impera. Os versos de Aldir Blanc, os contos de Sérgio Sant'Anna, a guitarra de Moraes Moreira, as camadas de Abraham Palatnik, as cores de Daniel Azulay, os sons de Manu Dibango, entre tantos outros artistas que perdemos neste ano, não me deixam mentir.

Luciano Gonçalves - doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH-USP. É professor de português e suas literaturas no IFTO.

inventar

Fragmento de um diário da quarentena

Adentrado mais de um mês da quarentena, ajudei minha companheira, que estava ficando comigo no isolamento desde o seu início, a trazer as suas coisas do seu apartamento para minha casa. Chegando no prédio, apesar de estar só pouco mais de trinta dias longe, ela não conseguia saber por qual portão entrar. Não era distração, nem esquecimento ou nervosismo, mas algo de outra ordem sobre a qual logo conversamos: na medida em que não há mais rua, mundo, fora, em que estes foram suspensos ou postos sob suspeita, o lar, o dentro, também em certo sentido foi perdendo seu sentido, se esfumando. Pois casa, ou interioridade, é algo relacional, e depende, portanto, da exterioridade do mundo para adquirir seu sentido (em todos os sentidos). Comentei com ela que também estava sentindo certa desorientação na casa em que vivo há mais de um ano, repleta de coisas que tenho há décadas e que perdera o ímpeto de remodelar certos ambientes que me acometera no início. Se não há fora, não há dentro, e o que vejo me acometer e acometer pessoas próximas oscila entre o desejo de resgatar uma sensação perdida

de lar pela memória (passado), e a ânsia de mudança (futuro), pruma casa, prum sítio, prum lugar quente, pois o presente também foi **SUSPENSO**.

Muito se fala da vigilância chinesa, e de como ela converteu lares em prisões. Mas um fenômeno, ao mesmo tempo muito mais brando e não comparável, mas que igualmente me incomoda, é o policiamento privado do espaço público. Não falo aqui da privatização estrutural da vigilância pública, mas do vigilantismo que acomete a todos, incluindo a mim mesmo, e que se traduz em juízos apressados sobre quem está na rua, ou pior ainda, postagem nas redes de fotos de vizinhos, etc. Na quarentena, cada um tem direito a seus cinco minutos de vigilante.

No sexto dia da quarentena, fui buscar meu filho. O caminho, com as ruas desertas, se parece com um cenário pós-apocalíptico, de tipo específico, aquele das ficções em que a espécie humana, de repente, desaparece (quase) por completo, como se a humanidade tivesse desertado,

como se a única solução da humanidade para si mesmo e para o mundo fosse desertar do mundo para não tornar o mundo um **deserto**.

Aproveitei pra trocar mantimentos, entre eles, cigarros por bebidas. Evidentemente, a quarentena não é uma situação carcerária, mas faz brotar práticas análogas. O escambo, como demonstram diversos exemplos de crise econômica, entre os quais o da Argentina do começo dos anos 2000, não está na origem do capitalismo, nem no seu fim, mas em suas **FRESTAS**.

No twitter, alguém posta, a respeito de alguém que ocultava ter sido contaminado algo como: "Tem sempre algum idiota que esconde que foi infectado". Tratava-se de uma referência aos filmes de zumbi, os quais vi tanto, mas não o suficiente, já que não me prepararam para essa pandemia.

Há um conto de fadas consagrado pelos irmãos Grimm e mobilizado seguidamente por Walter Benjamin que se chama "O menino que saiu de casa para aprender o que é o medo". O título remete a uma operação psico-sócio-física fundamental da vida, e que, do dia pra noite, se tornou impossível, ou melhor, que virou do avesso. Não é possível mais sair de casa, e o medo, por meio da ameaça invisível do vírus, atravessa a porta, deixando o seu gosto no álcool que utilizamos para higienizar as bebidas que deveriam nos fazer esquecer dela.

Que o medo atravessasse as portas e não esteja mais - junto com a verdade - só lá fora, percebe-se através dos relatos daqueles que, como eu, têm filhos pequenos que passaram a ter pesadelos ou acordar no meio da noite. O familiar se torna infamiliar. Tudo se torna *unheimlich*.

Por muito tempo, tive um pé atrás com a insistência de Déborah Danowski de situar o medo como um *afeto*

fundamental diante da catástrofe ambiental. Eu insistia em ver essa operação como sendo da mesma ordem daquela de Hobbes, que fundamenta o Estado no medo. Continuo achando que o medo não deve fundamentar nenhuma pólis, mas está mais do que claro que, quando ele adentra a casa, é chegada a hora de reavaliar e refazer os próprios fundamentos e distinções entre pólis e casa, dentro e fora. Pois estamos precisando ficar em casa pra aprender a lidar com o medo.

“Sair de casa para aprender o que é o medo” talvez seja um bom nome para o que chamamos de ficção. Não é um acaso que as estórias preparem as crianças para o que chamamos de mundo, para longe do conforto domiciliar, para uma existência autônoma (é preciso sair de casa para aprender o que é o medo, pois o medo se liga àquilo que é desconhecido, mas, mais do que isso, é preciso aprender o que é o medo para viver, para lidar com o outro que nos constitui). Por meio da ficção, por meio dessa experiência de outrar-se, refazemos constantemente o interno e o externo, o dentro e o fora, nós e os outros, o que somos e o que podemos ser, nosso ser e o que (não) queremos ser. Válvula de

escape ou caminho pra transfiguração, ela abre as portas da percepção, possibilita, nas palavras de Ortega y Gasset, uma di-versão, uma outra versão, uma dobra do nosso cenário familiar, perigosa e amedrontadora porque outra, porque capaz de nos transfigurar. Jamais saímos os mesmos quando lemos um romance, vemos um filme. Mesmo que externamente não mudemos, tudo terá mudado. Um outro possível terá se integrado ao que somos - pois não somos jamais nada além de um conjunto de possíveis. O que somos é a resultante de tudo aquilo que não somos. O dentro, o interior, não é senão uma combinatória de exterioridades. Precisamos sair de casa para aprender o que é o medo, precisamos nos defrontar com o fora - pois esse contato é o que somos. Não somos nem uma interioridade nem uma exterioridade, mas a *pele entre um e outro que habitamos*. Mas entre o dentro e o fora há um terceiro incluído, o vírus. E ele corroi um e outro, ou melhor, o espaço entre um e outro, o único espaço possível para a existência, o espaço que chamamos de mundo.

Como muitas pessoas que trabalham com literatura, tenho tido uma dificuldade cada vez maior de ler

- especialmente, literatura. Ultimamente, nem séries ou filmes consigo ver. Isso não quer dizer, porém, que a ficção tenha perdido seu poder em mim. Ela apenas mudou de lugar. Pois, assim como a fronteira entre o dentro e o fora se esfumou, aquela entre cotidiano "real" e "ficção", ou seja, entre a operação familiar e a de desfamiliarização, também se borrou. A minha própria vida se tornou, de algum modo, uma ficção, um espaço de refazimento das fronteiras entre o dentro e o fora, um espaço de refazimento do que (não) sou.

A pandemia tem sido pra mim um tempo de muita tristeza, de muito medo, mas, apesar disso (e dos culposos e dos culpados), e por causa disso, também de muita alegria. Alegria de reinventar a vida, alegria de redescobrir coisas da vida, alegria de **INVENTAR** uma relação de um jeito altamente inesperado, alegria de *construir* com meu filho, verbo que ele não cessa de usar, brincadeira (?) que ele mais gosta de fazer, fazer projetos, construir máquinas, veículos, pra si, pros gatos, pros cachorros), como se ele, que não cansa de ver vídeos sobre animais perigosos nessa quarentena, soubesse que é só inventando um mundo, que é só na coragem e

na alegria de construir um mundo que se pode vencer o medo. E conversando com a Marília, me dei conta que um dos momentos mais alegres da minha vida foram algumas horas no velório da minha avó, com parentes (alguns dos quais pouco convivi, outros que não vejo há anos) que contavam histórias e piadas, a maioria das quais não relacionadas à minha avó. Porque fazer o luto e reviver é isso: é encontrar a alegria, é inventar a alegria. Só assim salvaremos a vida (e não a **morte**) dos mortos. Salvar os mortos é salvá-los da tristeza da morte, é salvar a sua vida.

Quando saímos de casa e aprendemos o que é o medo, quando - e é disso que se trata - saímos de casa para nos defrontarmos com a morte, nossa e alheia, há sempre a esperança de voltarmos pra casa - com alegria. Quando, porém, essa operação foi pervertida de tal maneira (e por ação antrópica, pelo que se saiba), talvez, como dizia Kafka, haja esperança, mas não para nós. Mesmo assim, se não ficcionarmos, não restará vida para que haja esperança, não haverá esperança capaz de criar a coragem de sair de casa para aprender o que é o medo.



Imagem: Roberto Pitella⁵

Alexandre Nodari – professor na UFPR, colaborador dos Programas de Pós-Graduação em Letras e Filosofia da mesma instituição. Editor da revista Letras, coordenador do SPECIES e bolsista do CNPq – Nível 2.

5 Roberto Pitella – mestre em Artes Visuais, pesquisa fotografia e arte relacional e coordena grupos de pesquisa em processos criativos em imagem. É fotógrafo e curador de fotografia.

§ Para mim, a poesia tem possibilidades infinitas de lidar com as tensões do real. Claro que não é qualquer poesia. De qualquer modo, temos uma geração de poetas muito interessante, muito forte. Olhando bem (e todos que amam a coisa fazem isso), sabemos que há, no meio do **balair** de gato da hiperpublicação, poesia de alta voltagem sendo feita hoje. A poesia não muda o mundo, mas muda as relações com o mundo. E isso me parece ser o mais importante: dar relevo a espíritos **inquiéticos** e de recusa, que questionam, que tateiam e pensam as trevas do seu tempo. A poesia, a grande poesia, nos mostra o abismo, não o esconde. E isso ilumina os caminhos.

§ Toda resistência é possível agora. Há muitos modos de resistir ao sucateamento da vida, aos tempos de **PESTE** e fascismo. E eu prefiro todos. Nas ruas, nas redes, nas pequenas ações do dia a dia. E também fazendo poesia.

§ Agora, neste **instante**, minha intuição diz que a resistência deve se pautar numa união de forças em torno da derrubada da demência fascista que assolou o país. É muito difícil prever – vivemos, particularmente no Brasil, tempos absolutamente imprevisíveis –, porém

algo deve ser feito, porque a miséria gerada por essa situação é real e bate à porta de todos. Ninguém está a salvo.

§ O Brasil pós-pandemia se tornará um lugar ainda mais **horrendo** para pobres e humanistas (intelectuais, cientistas, artistas). O neoliberalismo (capitalismo tardio) nos cercou por todos os lados: o capitalismo globalizado (não existem mais lugares onde a peste capitalista não tenha chegado); a devastação causada pelo capital fictício (a grana erguida imaterialmente por aplicativos); a total mercantilização da vida e do conhecimento (e mesmo dos ativismos); a completa precarização das relações de trabalho; o fascismo como forma de gestão estatal. Tem que haver alguma maneira de parar isso.

§ O estado policial está armado até os dentes. As instituições estão apodrecidas. A desvantagem é brutal. Ninguém é tolo de achar o contrário. Como fazer? Não sei. Só acho que não fazer nada é uma péssima opção. O estado de espírito humanista e a carne insurrecional devem convergir para o enfrentamento veemente desse estado de coisas.

§ No meio de uma pandemia que já matou quase 40 mil pessoas (10/6/2020), as coisas se tornam mais difíceis. Talvez o país passe o resto do ano lidando com o coronavírus. Talvez derrubemos Bolsonaro antes de derrubar o vírus e tenhamos que lidar com Mourão. Não se sabe. Talvez aconteça o que todos tememos: nada. Esse é o terror.

§ Não sou otimista, mas também não sou pessimista, afinal, continuo acreditando, continuo fazendo poesia. Como aqueles clássicos versos de João Cabral, “[...] entre fazer e não fazer / mais vale o inútil do fazer”. Ou, como Godard, sou um pessimista alegre ou um otimista triste. De qualquer modo, não desisto. E meu desejo é que sigamos resistindo enquanto pudermos. Até o fim. O jogo só termina quando acaba.

Fabiano Calixto - doutor em Letras pela USP. É poeta, editor e professor. Autor de *Algum* (edição do autor, 1998); *Fábrica* (Alpharrabio Edições, 2000); *Música possível* (CosacNaify/ 7Letras, 2006); *Sanguínea* (Editora 34, 2007); *A canção do vendedor de pipocas* (7Letras, 2013); *Equatorial* (Tinta-da-China, 2014); *Nominata morfina* (Corsário-Satã, 2014) e *Fliperama* (Corsário-Satã, 2020).

NAPĒ WORĒRI PĒ

a Davi Kopenawa

a fumaça amarela que aflora do meio
da terra

envenena a floresta fere
a esfera celeste

o peito do céu não resiste
à fumaça de epidemia

xawara tosse contínua
ronco de máquinas do povo
da mercadoria

tatus canastra queixadas toupeiras
escavam o chão

em busca do minério
que *Omama* escondeu no solo

terrestre
o progresso avança depressa

atropela
conspurca o curso do rio

motores cortam os corpos
e almas de árvores esguias
estremecem a coluna

vertebral do mundo
e do solo recolhem lascas de estrelas
xitikarixi

fragmentos do céu outrora caído
metal reluzente
duro perigo invisível

e os comedores de terra
gente de *Yoasi*
devoram a carne materna
e assim seguem
dia após dia
contaminados pela cobiça
avidez pandemia
e o homem branco cava cava cava
espalha a doença
incapaz de ouvir o saber dos antigos

**Izabela Leal - doutora pela UFRJ e mestra pela PUC-
RJ. Atualmente é professora de Literatura Portuguesa
e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA.**

MANIFESTO DA ONÇA

Villa-Lobos me sussurra: *saudades das selvas brasileiras.*

a terra.

a rua.

os outros.

saudades do brasil, alguém viu ele por aí? sumiu e nos abandonou numa suruba antropofágica da banheira do Gugu kafkiana + García Márquez alucinando com LSD + Gilead só que com figurino da tiazinha porque né, a culpa deve ser do sol + eternamente à espera de Godot.

**(ENEM 2020) Por que o Brasil não vai pra frente?
Analise as hipóteses abaixo.**

Porque temos medo de quebrar

- a) vidraça
- b) estátua
- c) tradições
- d) silêncio
- e) alianças

Porque não conseguimos

- a) construir

- b) lembrar
- c) perguntar

Porque gostamos mais de

- a) destruir
- b) esquecer
- c) fazer piada da desgraça (como eu fiz agora)

~~além da morte, presença diária nos jornais,~~ a certeza única é:

A FICÇÃO & A POESIA

nada. tudo.

de repente os artistas são importantes *pq alguém tem que me entreter enquanto eu tô em casa né?!*, depois voltam a ser vagabundos, depois viram importantes de novo, mas só se forem famosos, *a gente gosta é de fama, não de arte, vc ã entende?*

[...] a minha própria existência no mundo, se é que ainda existo. o real, lá fora, sim é urgente. corpos em sacos vedados aos montes, enquanto o circo de Brasília é ovacionado pelos cegos. coitados dos cegos, eles não têm nada com isso.

a culpa é nossa

?

por estar lendo e escrevendo, vivendo no mundo da fantasia, enquanto eles tomavam o poder? fazer um poema pela manhã e ir em manifestações à tarde não adianta. a literatura não freou o autoritarismo, não freará o vírus. não serve pra nada. mas ~~há o direito ao mas?~~

serve pra tudo - é ilha de salvação no horizonte. estamos nos afogando, não há respirador para todos, não há tábuas nem portas nem Leonardo DiCaprio - que fazer senão tocar o violino?

~~sinceramente só não me matei ainda porque~~ há sempre um livro para ler. um filme para assistir. uma música para ouvir. é isso que define a humanidade. a sua memória cultural.

falando com Ernest Becker, *a arte é uma forma de adiar a morte.*

ler.

escrever.

se emocionar.

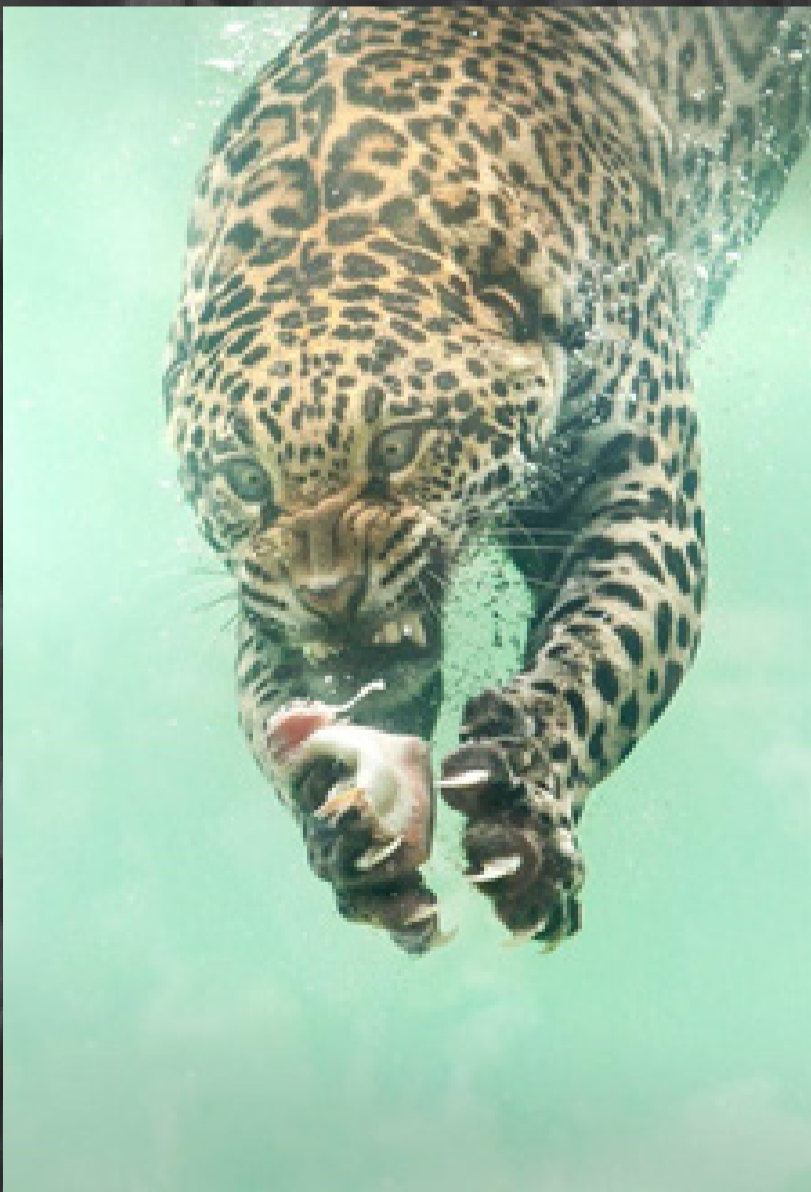
quebrar tudo, queimar carros e bancos e emitir gritos guturais que nos lembram: estamos vivos.

será que a literatura não pode frear o autoritarismo mesmo não? a sua revolução, por ser íntima e subjetiva, não é imensa e poderosa? ler Carolina Maria de Jesus é

recusar o fascismo. celebrar Machado de Assis e vibrar com Brás Cubas ganhando o mundo é recusar o fascismo. não dá pra responder essas perguntas, USP. só dá pra perguntar mais.

vi umas fotos de uma onça comendo um peixe debaixo d'água. **AGORA**, ó, gente tão alta no olimpo, meus irmãos, **AGORA** - sair do gabinete sem olhar pra trás. tirar a roupa. pisar na terra enfiar os dedos na grama. de pé descalço. pensar sim sentir também. olhar ao redor.

não ser amigo da onça tornar-se a onça. desejar o incêndio que existe na visão da onça. o ódio o sangue a **fúria** na mirada da onça. a predadora com olhos de fogo. porque agora poesia e **cinzas** são irmãs.





Fotos: Herbert Van Der Beek.

Bruna Kalil Othero - mestra em Letras pela UFMG. É escritora e performer. Organizou *A porca revolucionária: ensaios literários* (Quintal Edições, 2018) e é autora de *Oswald pede a Tarsila que lave suas cuecas* (Letramento, 2019); *Carne* (2019); *Anticorpo* (Anticorpo, 2017) e *Poétiquase* (Letramento, 2015).

relacionar

Confio que, em tempos assim, de um desalento imenso na política, na economia, na ecologia, mais do que uma possibilidade, o dever da poesia (onde incluo a ficção) é o de forjar precisamente o impossível, isto é, o de reconfigurar violentamente o campo espaço-temporal, destruir o mundo dado e, ao assumi-lo como um mundo já-acabado, propor inúmeros novos mundos, nem que seja por uma mera fresta do impensado/impensável. E não estou nem um pouco preocupado com o inefável quando assim proponho. Para que isso aconteça, a literatura (como todas as artes) precisa primeiro fundar os próprios destroços em que vive, porque eles não são óbvios, logo não estão tão disponíveis quanto se possa imaginar e o fim já-dado do mundo é uma recusa perene do senso comum; ela precisa assumir, portanto, a sua cota de fracasso. Isso não quer dizer que os novos mundos por fundar sejam sempre melhores que o mundo dado, nem mesmo bons; daí a **força** do risco, e a necessidade mesma desse risco, não por fuga ao comodismo ou, para usar expressão da moda, "sair da zona de conforto". Esta é, para mim, uma contínua missão fertilizadora e sacralizante (sem qualquer necessidade de transcendência ou institucionalização

religiosa) que só pode se dar sobre o adubo das ruínas, que nunca cessam de se construir. Dou então um exemplo que me move: não basta, para reconfigurar mundos, apenas apontar para a seca dos grandes rios, ou para sua poluição crescente, com os resultados previsíveis, como faz a melhor ciência; mais que isso, é preciso resgatar os rios soterrados pela urbanização, reaver seus percursos, refundar nomes e sacralidades do espaço, resistir o tempo todo à mera praticidade do lucro etc. Nisso há dois grandes aprendizados com os vários grupos indígenas ao nosso lado (e de cujo lado devemos sempre estar): em primeiro lugar, inverter da posse da terra, para que nós sejamos sua posse, atrelados à terra em que vivemos e morremos num ciclo que abandona os mitos do herói isolado, do subjetivo atomizado; em segundo lugar, perceber que o mundo pode acabar por séculos a fio sem nunca terminar seu fim, porque construímos novos mundos nos ombros dos mundos mortos, carregando a ancestralidade impossível nos ombros. Tudo isso poderia ser trocado por uma injunção mais simples, embora menos clara: fazer que a vida valha vidas.



Imagem: Roberto Pitella⁶

Guilherme Gontijo Flores - poeta, tradutor e professor da UFPR. É autor de *brasa enganosa* (Patuá, 2013) e *Capim::carvão* (Ed. 34, 2018), entre outros. Traduziu os livros *A anatomia da melancolia*, de Robert Burton (2011-2013); *Elegias de Sexto Propércio* (2014) e *Safo: fragmentos completos* (2017).

⁶ Roberto Pitella - mestre em Artes Visuais, pesquisa fotografia e arte relacional e coordena grupos de pesquisa em processos criativos em imagem. É fotógrafo e curador de fotografia.

Escrever hoje sobre “a possibilidade da literatura perante a urgência do real” é apenas mais um lance de uma história descontínua mas insistente de experimentação da literatura e do real como *possibilidade* e *urgência* - palavras em que se combinam interrogação e demanda. E a vontade de deflagrar juntas essas duas forças tem movido a prática artística sempre que a instabilidade e a incerteza tensionam a vida e o pensamento.

Reativar hoje essa vontade - no confinamento imposto pela destrutividade de uma marcha civilizatória marcada pelo excesso de **urgência** sem interrogação - é reencontrar também uma condição de solidão compartilhável que acredito tê-la sempre constituído. E se manifesta em procedimentos que através de diferentes redes - também uma **metonímia** daquela civilização - conseguem nelas abrir algum espaço de aproximação distanciada de formas por demais assertivas da subjetividade e da socialização.

É assim que a escrita e a leitura podem servir para suspender o fluxo-espetáculo ininterrupto de imagens, opiniões e informações nas redes virtuais hoje hegemônicas e nelas exercitar tentativas de busca, encontro e reencontro por meio do gesto fragmentário,

ao mesmo tempo singular e endereçado, que une poema e página e se reatualiza também no vínculo entre poema e post.

Busca, encontro, reencontro são os topoi mais fundamentais dentre os que procuram dar sentido à vida. E nesse estar em página do poema pode ter lugar uma forma-habitação do mundo com a potência paradoxal do reconhecimento do nosso sempre contingente e precário caráter de “bicho da terra tão pequeno”. Este que Drummond fez retornar, ainda em 1974, em crônica-poema, entre jornal e livro, sobre as viagens humanas, dos versos camonianos que desde seu início afetam a epopeia lusíada: “Onde pode acolher-se um fraco humano/ Onde terá segura a curta vida,/ Que não se arme e se indigne o céu sereno/ Contra um bicho da terra tão pequeno?”

Diz-nos de novo e bem desta forma-habitação um pequeno e intenso poema surpreendido agora em um post do facebook, em que Michaela Schmaedel, prenunciando a próxima publicação pela editora Penalux de seu livro *Coração cansado*, nos fala do retorno à casa. E o faz abrindo essa casa, esse poema, a um retorno à epopeia fundadora de Homero, e ao mesmo tempo a um endereçamento

a um leitor que pode ser qualquer um, mas é, antes de nós e conosco, aquele a quem ela dedica o texto, Ismar Tirelli Neto.

Sugere assim um encontro com texto inédito desse poeta, "Notas a partir de Elpenor", e também com esse personagem que em sua fragilidade mesmo está sempre retornando, através da odisseia de Ulisses. Ativando **memória** e ficção como móveis da história que vivemos - enfatizada aí a dupla temporalidade, passada e presente, dessa forma verbal - o poema-habitação ativa também a proximidade entre diferentes poetas, textos e tempos, entre o afetivo e o político e, principalmente, entre a pequenez e a grandeza. E configura o possível e urgente no retorno à casa e no convite a fazer de Elpenor "uma espécie de lente através da qual o mundo onde caímos se procura durante a queda", segundo Ismar, que a partir daí também nos pergunta: "Que mundos poderiam surgir de uma fundação-Elpenor, em oposição, por exemplo, a uma fundação-Aquiles ou uma fundação-Ulisses?" Pois, segundo Michaela, neste seu poema "Elpenor",

A Odisseia, rapaz,
não é sobre viajar

ver Circe ou voltar de Hades
nem sobre contar as glórias das guerras
ou os infernos do submundo.

A Odisseia, rapaz,
tem a ver com sair de casa
e voltar vivo.

Celia Pedrosa - pesquisadora I-C do CNPq e professora
do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura
na UFF. É autora de *Ensaio sobre poesia e
contemporaneidade* (EdUFF, 2011) e *Antonio Candido: a
palavra empenhada* (EdUSP/EdUFF, 1994).

Nesse momento de caos mundial, verdades tornam-se mais relativas do que nunca. Razões que se dizem absolutas pairam, contudo, em posições antagônicas. Em densidade conjunta, o sentimento de um perpétuo desajuste. O panorama pandêmico a tudo torna mais feroz, adornando tragicamente a fragilidade do ser. Guimarães Rosa atesta sua sabedoria atemporal, pois viver nunca souo tão perigoso. Adoecemos na esperança. O isolamento social faz, então, da quarentena um convite, inescapável quase, à leitura. Assim, por ela estava com o artigo "Kant, Hegel, Foucault e a desrazão na história: o cânone filosófico de *História da Loucura*"⁷ e um trecho de seu autor Tomás Prado chamou-me atenção; cito-o: "*História da loucura* é um amálgama heterogêneo de objetos produzidos por discursos alheios uns aos outros, mas que Foucault reúne num só objeto, a loucura, o qual não pode ser senão fragmentado e, por isso, talvez mais bem revelado por uma imagem que por um conceito - objeto que é, destarte, heterotopicamente situado, que é como uma "constelação" (s/p). Prado prossegue, atestando seu raciocínio pelas letras do próprio Foucault: "Para a consciência ocidental, a loucura surge simultaneamente em pontos múltiplos,

7 PRADO, Tomás. In: *Trans/Form/Ação* vol.37 n.2 Marília Apr./Aug. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732014000200011>
Acesso em: 08/05/2020.

formando uma constelação que aos poucos se desloca e transforma seu projeto, e cuja figura esconde talvez o enigma de uma verdade. Sentido sempre *despedaçado*⁸. Por fim, para o momento, um **ARREIMATE** sobre a citação com um retorno a Prado: "Não [há] um conceito e uma definição de loucura, mas uma constelação e o enigma de uma verdade - enigma que pede por uma decifração, mas que, finalmente, não cederá senão à justaposição de imagens. A trama que vemos desenrolar-se entre tantos domínios e através dos séculos envolve um objeto disperso em diferentes experiências" (2014, s/p). Daí, retomo o **Fio** reflexivo para compartilhar uma percepção: encontramos-nos num auge de desrazão. Enlouquecidos ou enlouquecendo estamos; foucaultianamente, ninguém me parece sair incólume. E, em meio a tantos desconcertos, incertezas, desilusões, um respiro oxigena a vida: a literatura! Pela prosa e pela poesia, um pequeno eixo de lucidez, de sensatez... Pela ficção, a convicção de um amparo. A esperança nutre-se pela flor que nasce do asfalto drummondiano. O esfacelamento de perspectivas se conforma diante da inevitável fugacidade do tempo e da brevidade da vida já propagados nos versos de Cecília Meireles. Os medos, os pânicos se abrigam na Pasárgada banderiana ou buscam alento em uma "Terceira

8 FOUCAULT, M. *História da loucura na idade clássica*, 2005, p. 165, apud PRADO, 2014

margem do rio" roseano. Seja como for, em tempos de discórdias reinantes como o nosso, a resistência, o levante, a trégua, o consolo, o amparo, o suporte, a sobrevivência jazem na e pela literatura. Aproveitemos enquanto ela ainda nos resta.

Ana Lúcia Branco - doutora em Letras pela FFLCH-USP. É professora, pesquisadora, revisora, parecerista e consultora pedagógica de língua portuguesa.

“Quando as teias de aranha se juntam, elas podem amarrar um leão”

Provérbio Banto.

Venho refletindo sobre isto que chamamos de “civilização”. O próprio fato do oposto desta palavra ser definido como “primitivo”, mesmo quando se refere a uma cultura que atua de forma gregária, organizada em comunidade, me faz questionar este termo. Associo a palavra “civilização”, principalmente quando é empregada no coletivo, como um sinônimo de “colonização”. Acredito que “nossa civilização” vem nos adoecendo porque nunca considerou os muitos lugares que vivem em nós. Taye Selasi, escritora e fotógrafa nascida na Inglaterra e criada nos EUA, de origem ganense e nigeriana, se define como “local” de Accra, Berlim, Roma e Nova Iorque, ou seja, ela não é definida pelos lugares, mas determina os lugares aos quais acredita e sente pertencer. Ela se define como “multilocal”. Penso também em Beatriz Nascimento, poeta, historiadora, intelectual, que se definia como “Atlântica”. Eis um de seus poemas:

“A terra é o meu quilombo,
o meu espaço é o meu quilombo.
Onde eu estou,
eu estou,

quando estou eu sou

[...] Ó paz infinita, poder fazer elos de ligação numa história fragmentada.

África e América e novamente Europa e África. Angola. Jangas.

E os povos do Benin de onde veio minha mãe.

Eu sou atlântica”.

Esta inversão da lógica linear, binária, maniqueísta, redutora, territorial, destitui o poder de estruturas aparentemente imutáveis. Taye Selasi questiona: “Como

um ser humano pode derivar de um conceito como Nação?”.

É dela o artigo “O que é um afropolitano?”, em que esboça a ideia de que para uma identidade a cultura é mais importante que o país. Neste sentido, questiono

a ideia de civilização como algo nosso, mas como um conceito que serviu e ainda serve como base para apagamentos e silenciamentos históricos de várias

culturas. Além disso, temos muitas corpas diaspóricas no Brasil, algo problematizado pela pesquisadora Beatriz Nascimento em suas reflexões. A sensação de

ser estrangeira tendo sido criada numa civilização que nunca levou em conta minhas origens indígenas, negras ou ciganas, é recorrente. O que chamamos “Civilização”,

me parece ser realmente uma invenção, que atende a interesses econômicos. Tenho me dedicado a ler

materiais considerados contra-hegemônicos, fruto do pensamento de pessoas pertencentes a grupos vistos como “os outros, as outras”, que também implica em um conceito inventado por uma estrutura que se coloca como universal e dona de saberes, erguida, porém, sobre muita violência e apropriação de conhecimentos. Acredito que a poesia e a ficção atuam como uma espécie de cartografia para vários mundos, múltiplos, pluriversais, que nos convocam a habitar muitos lugares diferentes. Escrever como quem tece, evocando aqui algumas obras de Rosana Paulino, por exemplo, que trabalha elementos do **BORDADO** em suas obras plásticas como uma tentativa de reconstruir memórias, de saber de onde viemos. Pensar a ancestralidade como um lugar de saberes que habita nosso próprio corpo. Pensar este corpo como território, geografia poética. Não submeter seus conteúdos a nenhuma forma, mas entender o que estes conteúdos exigem. São eles que determinarão a forma. Neste sentido, bordar, tecer narrativas que partem de múltiplos imaginários, **TECER** de falar, pensar, agir, são exercícios de autonomia criativa, que estabelecem uma relação constante com o passado e o futuro. Não deveríamos mais reproduzir imagens que não consideram a multiplicidade de várias culturas. A poesia é um instrumento poderoso de desordem, a tal “ilha de

desordem", que nos permite não naufragar em um mar de dogmas, ideologias, certezas absolutas e ímpetos de controle. "Não saber" como forma de criar, o que envolve pesquisar e viver com intensidade. Precisamos do estranhamento, de uma prática artística que devolva ao olhar a capacidade de enxergar inclusive onde não se vê refletido, aliás, para onde mais deveríamos olhar (E escrevo aqui como uma reflexão autocrítica também). Para saber onde estamos interiormente, talvez precisemos nos perder em lugares e pontos de vista os quais nunca visitamos, nunca pensamos. A própria percepção do tempo, que ainda é colocado como uma experiência linear, que envolve acúmulo de informações até certo ponto e depois despreza o que é considerado velho, obsoleto, ignora as muitas formas de apreensão e partilha de saberes. Creio que devemos olhar para estes conhecimentos com especial atenção. Antes de inventarmos, precisamos nos reinventar.

Acredito em nossas heranças culturais e filosóficas, em que "o estado **LÍRICO**", por exemplo, é constante, natural. O corpo escreve, o texto dança, a voz desenha. Há muitas formas de resistir, de não se transformar naquilo que precisa lhe apagar, silenciar, exterminar para existir. Em qualquer manifestação cultural você

percebe o poder de **integração** que impera nas relações, no ambiente, em que um país é construído dentro do país, com regras que você não encontra em um cotidiano repleto de verdades absolutas e decisões indissolúveis. Como descendentes de povos com cosmogonias indígenas e negras temos em nossos próprios corpos as muitas heranças de memórias celulares que nos dotam de uma enorme capacidade de sobrevivência. Creio em micropolíticas que modificam comunidades a partir das ações de quem está inserido nelas. Me refiro às figuras próximas, não as heróicas. Não há nada mais colonizador do que o mito do salvador, do Messias, do escolhido. Diante de uma pandemia como esta que estamos vivendo, com uma parte da população há meses em isolamento social, a outra sendo obrigada a se colocar em risco para poder sobreviver e alguns em negação ou praticando "necropolítica", penso que precisamos entender que tipo de ritmo vinha nos impedindo (falo de quem pode estar refletindo sobre isto agora, de quem pode seguir a quarentena), de dormir, por exemplo. O **SONO** como um momento de reparação neurológica e elaboração dos nossos pensamentos. A quem interessa que não durmamos mais, não sonhemos mais? Isto me parece uma inquietude válida e uma questão que vai muito além de um distúrbio causado pelo stress. O excesso de informação impede

que o conhecimento seja desenvolvido. Neste sentido, talvez precisemos buscar inspiração em figuras como o poeta Manoel de Barros, em seu "Livro sobre nada", onde fazer nada é uma forma de apreender o entorno, de se integrar ao que desconhecemos, mas que, de alguma forma, nos conhece. Vivemos um momento em que precisamos ouvir o silêncio e, paradoxalmente, não podemos silenciar diante de autoritarismos, sejam eles quais forem. Reafirmo que podemos e devemos agir como multiplicadores em nossas áreas de atuação, a partir de nossas aptidões, desempenhando um papel agregador e comunitário. Creio que precisamos modificar os espaços a partir da nossa presença, transformar "o lugar de fala em um lugar onde sejamos ouvidas e vistas". Sonhar é um bom começo, partir das relações próximas também. Mais do que uma revolução, precisamos, creio, de uma evolução, em laços não coloniais, não escravocratas, onde escutemos e enxerguemos onde não nos vemos. Isto, as periferias, as **margens** já praticam há muito tempo. Precisamos aprender com quem sobreviveu e sobrevive há milênios, centenas de anos. Que possamos aprender com as tecnologias de nossos, nossas ancestrais.

Dione Carlos - dramaturga e orientadora do Núcleo de Dramaturgia da Escola Livre de Teatro de Santo André

(ELT). É autora de 11 peças – entre elas, *Oriki*, *Sereias e Revoltar*; sua peça *IALODÊS* foi publicada pelas Edições SESC na antologia *Dramaturgias Negras* (2019).

Descon^{F10} que nosso humanismo falhou quando descambou no discurso.

E uma ideia tão evidente por si mesma, o simples fato de que vidas humanas são preciosas, importam e merecem ser preservadas - essa ideia, parece, não é, nunca foi e nunca será um conteúdo suficiente por si próprio. De fato, é no limite mesmo entre o conhecimento e a capacidade de aplicá-lo que reside o conflito.

Refletindo sobre o que tornou o nazismo possível em uma Alemanha de grande efusão artística e intelectual, na primeira metade do século vinte, Teixeira Coelho suspeitou que todo esse conhecimento, no entanto, não se projetava internamente, de maneira subjetiva, em grande parte da sociedade, mas era apenas um conteúdo objetivo e formal. Um conteúdo distante, que não tocava, não movia.

Sempre penso que aqueles que veem o mundo por meio de um crivo moral, como um lugar vicioso que precisa ser consertado, mesmo que à custa das vidas alheias, ou aqueles dóceis que se creem capazes de legislar os caminhos do mundo, seus valores e suas soluções, tornaram-se prisioneiros de um lugar desagradável

e infeliz, do qual por grande justiça não se pode mover, independentemente das circunstâncias externas. Tomaram veneno, e no seu engano esperaram que outros morressem.

Mas íamos falar de literatura! Daquilo que poderia ter acontecido.

A literatura por si mesma não evita as grandes tragédias, e como poderia? Ela é assim na mesma medida em que observar sentados à prática de um *personal trainer* não nos trará um corpo musculoso e saudável.

Se bem utilizada, a literatura é um exercício rico em (auto)descobertas e criações indefinidas. Se mal utilizada, é apenas conteúdo, pedantismo, intelectualidade frígida e inútil, permissiva à violência. Deste último tipo, nenhum mundo jamais precisou, e não persiste, por pura inutilidade.

A literatura, que buscamos, e que nunca fez grande coisa... a não ser uma: levar adiante nossas memórias e esquecimentos, nosso incrível conhecimento e nossa aterradora ignorância, nossa estranheza e conformidade, nossa afetividade e insensibilidade, nossa esperança,

nossos erros e preconceitos, nossa desistência, nossa violência, as pequenas e grandes histórias, mesmo as histórias inexistentes. Por vezes, expansão do real, por vezes aproximação extremada, esse “um olho no **telescópio** e o outro no **microscópio**”, como se disse certa vez da obra de Galeano.

Jéssica Cristina Jardim – mestra em Teoria da Literatura pela UFPE e doutoranda em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP. É professora e pesquisadora.

Naquele tempo, nenhuma ruína irrompeu na paisagem por acidente. Cada ataque e o extermínio foi calculado. Num outro, numa BORDA do mesmo século XX, eu era apenas uma criança e intuía maldades, alheia ao histórico como algo que se vivesse e presenciasse. Morávamos, um punhado de parentes, nem sempre em paz, em casas ao redor de um mesmo quintal, quando feridas eclodiram na pele de meu tio e um vizinho foi morto pela polícia. "Houve a guerra e vimos desmoronar muitas casas e agora não nos sentimos mais seguros em casa como antes, quando estávamos quietos e seguros. Há algo de que não se cura, e os anos vão passando, mas não nos curamos nunca", escreveu Natalia Ginzburg tanto tempo antes de eu poder lê-la em outra língua, tanto tempo depois de a tv, tal mundo dentro da sala onde eu estava menina, arremessar explosivo o noticiário: "um vírus fatal", "o mal do século". O que matava e era invisível tinha qualquer associação com algo enigmático, que os adultos cochichavam, em meio aos ruídos do anúncio de uma epidemia global.


Ambas temporalidades se aproximam recentes em mim, sem critério e sem comparação, quando pesquiso ou quando escrevo a partir da memória, a minha ferida aberta, mas sempre no encontro com a dos outros que vieram

muito antes de mim e guardaram em palavra o que não podia ficar escondido. Além do silêncio que vem depois do que nunca cessa de espantar e não sossega.

Há algo de continuidade e que permanece mesmo quando se insiste em repetir que é "sem precedentes" a crise sanitária, a crise política, o mal, tudo o que em intervalos acredita-se que bastava esquecer para não se repetir, quando de fato é preciso sempre lembrar. A escritora italiana nunca esqueceu que para alguns a guerra começou muito antes, desde os primeiros anos do fascismo, um mal que segue matando neste outro século, longe de estar contido nos dias que correm. Mais fatal que o outro vírus que pontuará o início da era. Início?

O **esquecimento** é muito maior que a memória, mas reside nela o imperativo de dizer a verdade, como é com toda grande ficção. Está nela o caminho para uma narrativa-sentido no tecido **esgarçado** dos limites. Insisto nisso mesmo falando a partir deste terceiro tempo, não previsto, não imaginado, enquanto me volto para o passado quando me perguntam sobre o futuro.

“O problema real de Auschwitz é que aconteceu, e isso não pode ser modificado”, escreveu Imre Kertész, para quem a escrita sempre se tratou de um assunto pessoal a partir da descoberta de si mesmo como a única realidade que deveria ser retomada da história. E porque Auschwitz aconteceu, Adorno formulou a impossibilidade de se escrever poemas, jamais como um ultimato aos versos, mas no modo como concebidos até então. Nada mais pode ser como tem sido até então já faz muito tempo.

Quando cruzei a  da porta do quarto do tio naquele início de noite, ficou perdida em algum canto lá dentro o que me restava da infância. Talvez rolando para debaixo da cama onde minha avó trocava as fraldas dele. Essa perda se deu quando eu disse: “Vai ficar tudo bem, tio”. E ele respondeu que sim. Mas nós dois sabíamos que não.

Luciana Araujo Marques - mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP e doutoranda em Teoria e História Literária pela Unicamp.

Vislumbres de um mundo por vir

O real, às vezes, é tanto, por demais, que beira ao absurdo, à ficção. Pois não parece que estamos vivendo um filme de ficção científica? A ameaça de um vírus ao mesmo tempo invisível e tangível e de um governo completamente inescrupuloso cria uma realidade incerta, “na qual uma atuação recíproca da verdade e da ilusão torna-se uma força social fantasmagórica”, nas palavras do antropólogo Michael Taussig (1993, p. 126) diante dos relatos de tortura contra os índios por ocasião do ciclo de borracha, em Putumayo, na Colômbia. Um real assombrado ou uma realidade alucinatória, em que tudo é possível.

Como viver, então, essa distopia que acontece aqui e agora? Quanto de incerteza conseguimos tolerar? Se os testemunhos de **TRAUMA**, como sobreviventes de guerra e campos de concentração, viveram o pesadelo de não conseguir falar diante do horror vivido, aqui também nos falta o ar. Não conseguir respirar é uma expressão tanto metafórica quanto literal para tempos tão **sufocante**s. E não dá pra falar nem ouvir nem ver quando estamos sufocados.

É aí que a poesia pode abrir frestas, cavar **FENDAS**, perfurar **BURACOS**, dobrar a linha mortal para que possamos viver, pensar, respirar, como propõe Deleuze. Onde parece ser impossível imaginar e pensar, é aí que devemos pensar e imaginar, apesar de tudo, convida-nos o filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman. “Apesar de você, amanhã há de ser outro dia”, já cantou Chico Buarque. Ao irromper o submerso, o poeta é o sismógrafo de outros tempos. A poesia ensaia esta ou aquela possibilidade, experimenta esta ou aquela situação, pensa o impensável, imagina o inimaginável.

“Os belos livros estão escritos numa espécie de língua estrangeira”, disse-nos Proust. Ao “levar a língua a delirar” (Deleuze, 2011), a poesia inventa uma linguagem quando ela não mais parecia possível e, com isso, um outro modo de ver e viver. A poesia não descreve o já visto, mas o próprio processo de olhar, de descobrir aquilo que se quer descobrir. Quando Manoel de Barros diz escutar a cor do passarinho, ver a tarde correndo atrás de um cachorro e que sapo é um pedaço de **chão** que pula, ele faz uma torção de perspectiva, desvia o sentido, muda a posição entre os seres. Tal transmutação é uma potência inventiva para abrir caminhos, com outras coordenadas, como Alice ao

atravessar o espelho; suspender o próprio mundo para entrar no mundo do outro e, com isso, alargar o nosso.

Ao invés de fixar as coisas, o poeta deixa-as fluir, busca as conexões inesperadas entre elas, o segredo íntimo, o mistério. Como movimento, a poesia nos cura do sufoco que paralisa, devolve-nos o fôlego, o grito. Em um tempo tão obscuro, ela nos leva a ver mais, ver além, ver o invisível, ver em meio a névoa, ver em câmera lenta. No fim de um mundo, a poesia vislumbra um mundo por vir.

Daniela Feriani - doutora e mestra em Antropologia pela Unicamp. Atualmente é pós-doutoranda na área de Antropologia na USP, com o projeto "Como narrar a perda do narrar: autobiografias de pessoas em processo demencial", financiado pela Fapesp.

Para que exista vida é necessário que possamos sentir. Ao longo de nossas trajetórias somos convocados a exercitar a racionalidade, negligenciando outro pilar que também nos compõe: o sensível - o exercício de ver, ouvir, saborear o mundo no qual estamos a todo momento nos relacionando. Certamente há motivações para que em nosso tempo essa parte esteja embotada. Vivemos na era da objetividade, da velocidade na difusão das informações, dos discursos que buscam muitas vezes nos direcionar para escolhas perigosamente dicotômicas, de um suposto bem-estar adquirido pela adaptação a uma norma do que se entende por "sucesso". No entanto, fomos surpreendidos por um evento, uma disrupção em meio à uma ilusória ideia de estabilidade: a pandemia. Com ela, muitas de nossas crenças se enfraqueceram ou caíram por terra, e passamos a tentar colar os fragmentos dessas experiências em busca de uma retomada do sentido da existência. Talvez seja o momento de repensarmos sobre esse sentido, e aqui quero falar um pouco sobre a importância da poesia. Metamorfose: eis um conceito que trago para pensarmos juntos. Ele foi belamente explorado no discurso proferido em 1976 pelo escritor búlgaro Elias Canetti, intitulado O ofício do poeta. Suas palavras nos levam a pensar que, em um mundo dominado pela especialização, os homens

deveriam exercitar a sua capacidade de metamorfose, que contemplaria tanto a sua escrita quanto a sua postura diante do mundo. Trata-se de nossa potência de tocar uma outra vida, de manter aberto o canal de contato com outros seres, sustentando a nossa permeabilidade. Esse contato se dá pela via sensível e pelas palavras, mas não por aquelas que estruturam os discursos utilitaristas, e sim através daquelas que inauguram formas de percebermos o mundo. A literatura não seria isso? Sim, uma forma de conhecermos uma outra vida por meio de uma personagem e torná-la parte de nós; um meio de desestabilizar nossas crenças para dar-lhes outros sentidos; de revermos nossos preconceitos e predicarmos menos, nos aproximando mais.

Como dizia Canetti, o poeta nunca se afasta do mundo, precisa carregá-lo ainda enquanto caos, ainda que ele se encaminhe para a destruição. Ali, nas palavras, na relação sensível, há a chama de uma vela que podemos chamar de esperança. Em meio a tantas perdas, dificuldades econômicas e desesperança na política que se instalou em nosso país, fomos convocados a testar muitos de nossos limites – de dor, angústia, solidão – mas, também, de reafirmar que, acima de tudo, a vida

persiste, resiste e se renova nas relações de **afeto** e na força da linguagem que nos aproxima.

Ariane Alves dos Santos - doutoranda no Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP (bolsa Capes) e mestra pela mesma instituição. É professora e pesquisadora das artes visuais, comunicação, processos criativos e semiótica.

A sociedade contemporânea atingiu seu limite civilizatório. A *barbárie* cada vez mais se apresenta a milhões e milhões de pessoas em todo mundo como expressão da normalidade em suas vidas cotidianas. A literatura, como objeto estético, imagem e transfiguração da vida - e jamais representação! -, também chegou a este limite. Embora possamos ter obras literárias de qualidade produzidas pelo mano da quebrada ou pelo pequeno-burguês considerado escroto pelos literatos, é evidente que sua configuração interna, que a invenção em literatura, que a *radicalidade* e a criação do novo encontram uma barreira estrutural, sendo a literatura, como sabemos, parte da superestrutura. Do ponto de vista dos temas e assuntos tratados a partir desse arranjo especial de palavras que propõe sentido que é o objeto estético, gosto muito de uma expressão utilizada há muitos anos pelo Antonio Candido ao se referir à crônica: hoje em dia, diferente do que o mestre apontou naquele tempo, o material bruto em literatura no geral - e não apenas na crônica - a ser trabalhado por autoras e autores é *a vida ao rés do chão*. Isso não é nenhuma apologia ao realismo rasteiro, mas a defesa e constatação de que o cotidiano - seja aquele que podemos observar indo ao bar da esquina ou aquele outro que se expressa a partir de um devaneio - é e

deve ser peça central como uma das últimas trincheiras para a literatura de hoje. No que se refere ao universo fabulado, pra conversar com Antonio Candido em um outro momento, não se pode jamais justificar nenhuma finalidade alheia ao plano estético, e é aí que tá o nó da questão: as relações sociais de nossa época, a nossa barbárie cotidiana, apresenta-se - e só assim pode ter relevância e resistir - como forma, não como tema. Pra usar uma máxima marxista que vem lá de *A ideologia alemã*, a consciência não determina a vida, é a vida que determina a consciência, e a literatura, que possui um alto grau de autonomia, não se reduz a uma expressão da **luta** de classes, mas também dela não pode fugir nem se esconder. Pessimista em relação ao presente e ao futuro da literatura? Jamais! A humanidade superará o atual estado de coisas, e a tal da flor nascerá na rua. Acreditar e lutar por isso, resistir ao massacre do dia a dia, é o único modo de sobreviver com um pouco de **SANIDADE** nos dias de hoje.

Ubiratan Bueno - bacharel em Letras pela USP e especialista em História, Sociedade e Cultura pela PUC-SP. É revisor e diagramador de livros que não são seus há mais de 10 anos e escreve histórias mentirosas sobre o cotidiano.

Poesia e fresta

As questões propostas pela revista pedem a reflexão em torno da literatura, no que concerne à sua vinculação ao real, convocando-nos a pensar na maneira como a escrita se liga à urgência do momento, marcado por problemas políticos e de saúde, fazendo-nos lembrar, dessa forma, da pergunta de Drummond – “posso, sem armas, revoltar-me?” (ANDRADE, 2002, p. 118-9)⁹. Para respondê-las, pensando na poesia, retomo, inicialmente, ensaio de Marcos Siscar, em que o estudioso mostra como a definição da poesia moderna como texto afastado da realidade é “um dos clichês mais antigos e [...] dos mais devastadores para nossa experiência do poético” (SISCAR, 2017, p. 16)¹⁰. Sem contestar que, no final do século XIX, houve um “esvaziamento mimético”, Siscar acredita que “a reivindicação de autonomia [...] é parte de uma estratégia crítica e não uma modalidade de renúncia ao real” (SISCAR, 2017, p. 34). Assim, mesmo no mais rigoroso hermetismo, a poesia não se afasta da existência, mas, ao contrário, é parte dela.

9 ANDRADE, Carlos Drummond de. A flor e a náusea. In: _____. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

10 SISCAR, Marcos. A “poesia pura” como paradigma de tradição poética. In: _____. *Poesia contemporânea e tradição: Brasil – Portugal*. Organização de Solange Fiuza e de Ida Alves. São Paulo: Nankin, 2017.

No início da pandemia no Brasil, foi possível acompanhar, nas redes sociais, relatos de poetas que, num primeiro momento, deixaram de escrever, talvez sentindo, como afirma W. B. Yeats, em versos sobre a guerra, que, num tempo difícil assim, é melhor não dizer nada. No entanto, o que vimos, depois, foi o aparecimento intenso de produção artística, mesmo a partir do confinamento, mostrando que, “aproximando o sujeito do objeto, e o sujeito de si mesmo, o poema exerce a alta função de suprir o intervalo que isola os seres” (BOSI, 1977, p. 192). Assim, o ato de criação, por existir, constitui-se, num tempo de **barbárie** e de vírus, como ato de resistência, interferindo ainda no contexto social e político, na medida em que modifica profundamente o ser e em que traz, “sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar” (BOSI, 1977, p. 192)¹¹.

Dessa forma, a resistência da poesia é movimento que não cessa, “forma insegura” (ANDRADE, 2002, p. 119) capaz de **ROMPER** o asfalto ou ato que procura fendas, sem cessar, não em busca de certezas, mas se configurando como uma “vaga ideia de liberdade”.

11 BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1977.

Fresta

Pense na poesia

como o dedo cavando a fresta onde
há ainda uma pequena chance,
algo semelhante à colher numa cela
de presídio investindo contra
o chão de barro: um túnel,
a vaga ideia de liberdade.

(LISBOA, 2014, p. 14)¹²

Cristiane Rodrigues de Souza - doutora em Letras pela FFLCH-USP, com estágio de pós-doutorado no IEB-USP. Atualmente é docente adjunta na UFMS.

12 LISBOA, Adriana. *Parte da paisagem*. São Paulo: Iluminuras, 2014.

Vivemos um tempo de tormentos. Por toda a parte as incertezas se instauram, expondo os limites angustiastes da nossa **civilização**. Em meio a isso tudo, a literatura. No mundo inteiro há quem ainda insista em escrever livros, no mundo inteiro há quem ainda insista em lê-los. Por quê? É comum recorrer a clichês durante as crises, já que o chavão é potente e oferece sentidos simples e totais, apreendidos com a facilidade desejada como um **respiro** nesses momentos. Inúmeras vezes reiteraram-se as ideias de que a literatura é um modo de se movimentar sem sair do lugar e de que ler é tocar o outro – duas atividades interditadas pelo nosso agora pandêmico, a viagem e o contato. Por essas e outras o fazer literário compreende enfrentar o isolamento imposto pela contingência. Tais certezas fáceis valem de razoável justificativa às possibilidades da literatura diante da urgência do real, mas as especificidades do presente vão além e revelam outras perspectivas. Experimentamos o mesmo drama a um só tempo, mas não juntos, uma vez que a aproximação é contraindicada. Embora em termos de contágio funcionemos como um único organismo, estamos mais apartados do que nunca, e nessa solidão de indivíduos corremos o risco de desaprender a linguagem com que os homens se comunicam* – aí é

que entra a literatura. Talvez porque o presente se desdobra em dupla face e o que vivenciamos é não a pureza do real, mas o real-absurdo, a literatura então se apresenta como uma alternativa mais coerente do que a própria realidade. O que mais pode nos aproximar da parcela de humano que verdadeiramente nos une é a linguagem, com todas as suas possibilidades de elaboração do insólito, muitas delas vislumbradas exclusivamente por meio da linguagem literária. A literatura é a via de comunicação possível em tempos de linguagem ruidosa, obstruída pelos filtros abstratos do real. Como terreno livre, ela não obedece à lógica do capital que nos acua em becos sem saída em prol do lucro financeiro, ela é o reino da **abundância** e não da escassez, e por isso dela florescem formas e sentidos rivais à aridez murcha de uma realidade insensível e, portanto, insustentável. Porque ordenam o caos, a ficção e a poesia recompensam a entrega do sujeito-autor e do sujeito-leitor com doses de domínio necessárias à elaboração de novos sistemas, e é daí que podemos extrair o sumo da transformação: da criação de novos mundos, da fabulação revolucionária, da literatura por excelência.

* Referência ao poema "Mundo Grande" de Carlos Drummond de Andrade.

Tamlyn Ghannam - graduada em Letras (Português e Francês) pela FFLCH-USP. É responsável pelo LiteraTamy (<https://www.literatamy.com/>) e uma das juradas da etapa inicial do Prêmio Oceanos de Literatura 2020.

Se partirmos da visão muriliana de que a literatura nos ensina a “ver coisas, ver pessoas na sua diversidade, ver, rever, ver, rever”, fica evidente sua importância para a experiência humana. E se encararmos o fato de que a **despolítica** promove um apagamento da literatura, então estamos diante de outro fato, o da capacidade de resistência da literatura. Afinal, mesmo bombardeada, ela não deixa de nos chegar, mesmo que despercebida, através de um sem-número de manifestações. Seja de forma erudita ou popular (com o perdão do maniqueísmo ligeiro), toda a nossa vida é perpassada pela literatura.

Da poesia de circunstância de Gregório de Matos e a longa tradição das mais diversas expressões populares até o “terrorismo literário” de Ferréz, a autoficção de Julián Fucks e a poesia engajada dos *slammers*, passando pela literatura de guerra (e pós-guerra), pelo testemunho dos momentos **limitrofe**s da humanidade, o que percebemos é que a literatura, mesmo quando busca voos para além de seu momento histórico, não deixa de realizar um encontro **plural** com o humano e uma luta contra os barbarismos e (neo)fascismos.

Mas a barbárie é uma hidra, um monstro de muitas cabeças: são muitas as suas faces e as formas de encará-las. Quanto mais bárbaro é o tempo, mais a literatura parece nos convidar a uma urgência de participação mais engajada nesse tempo, não como mera resposta reativa a uma pura referencialidade, mas como gesto de salvaguarda do humano. Num mundo dominado pela mentira, a literatura comunica a verdade. Não a verdade das certezas imóveis, mas aquela de que nos falam Goethe e Novalis.

O ato de escrever implica em lidar com a tensa coexistência do presente-passado-futuro. Daí o diálogo (não menos tenso) com a filosofia, a história e a esperança, aquela de Bloch e Paolo Rossi, aquela dos vagalumes de Didi-Huberman: “nos tempos do fascismo histórico, **RESISTIR**, ou seja, iluminar a noite com alguns lampejos de pensamento”. Escrever é resistir à desumanização que nos abocanha os calcanhares enquanto nos abre um **abismo** de fracassos. Mas não nos enganemos: Quixote continua sua andança errante.

A literatura não procura um chão como princípio/fim, nem demarcação espaciotemporal nem bandeira. Assim resiste. O topos literário é movente; é a

sobrevivência dos lampejos na caminhada humana em direção à alteridade concreta, uma vitória contra o fracasso, uma “resposta ao tempo” (Aldir Blanc) ou, como escreveu Badiou – lendo Mallarmé e Lacan –, uma vitória sobre o desaparecimento.

Eduardo Rosal – mestre e doutor em Teoria Literária pela UFRJ, com doutorado sanduíche na UNS (França). Autor de *O sol vinha descalço* (Reformatório, 2016, Prêmio Maraã de Poesia). Traduziu *A bíblia da humanidade* (Nova Fronteira, 2018), de Jules Michelet; e *Os miseráveis*, de Victor Hugo (Nova Fronteira, no prelo).

Creio que, diante de tantos eventos avassaladores como os que temos presenciado nos últimos meses, seria presunçoso de minha parte tentar elaborar uma resposta que visasse uma reflexão abrangente. Irei, portanto, escrever aqui alguns pensamentos de cunho pessoal, impressionista, baseados não só na razão, mas, sobretudo, em meus sentimentos no que tange à importância da literatura em minha vida nesse período. A “urgência do real”, me parece, guarda paralelos com o terrível canto das sereias da *Odisseia* de Homero: algo atraente, quase irresistível, mas que pode nos levar à completa ruína. E ler um livro – seja de prosa ou de poesia, seja impresso ou digital – funciona como o stratagemema de Ulisses para evitar a perdição. Encontrar as palavras de homens e de mulheres de outros tempos e de outros lugares, ali, esperando por nós na superfície da página tem me feito, constantemente, lembrar que a vida não é apenas uma sucessão de “agoras”.

Há os pequenos atos cotidianos e há os atos grandiosos, que excedem o limite da esfera individual. Em relação a estes últimos, assistimos a um exemplo deles com as manifestações em protesto à morte de George Floyd. Esses eventos escancararam o fato de que vivemos,

retoricamente, em uma era que preza a diversidade e respeita as particularidades de cada um, enquanto, na prática, a lógica da discriminação, do racismo e do preconceito contribuem para sustentar a *dinâmica* econômica de nossa sociedade.

Se eu tivesse que mencionar duas áreas nas quais devemos, realmente, agir para uma mudança, sobretudo no Brasil, essas seriam: 1) a conscientização de que o Estado é sustentado por todas classes sociais. Há uma ideia equívoca de que apenas os ricos pagam taxas, quando mesmo um pedinte que vai comprar um pãozinho está gastando o dinheiro de sua esmola, parcialmente, com impostos. Derivaria daí a visão da classe política como sendo constituída por servidores públicos que representam a parcela de seus eleitores, sem prejuízo dos demais cidadãos; 2) o enfoque em uma educação para o século XXI, que não desprezasse as disciplinas tradicionais (geografia, história e interpretação de texto são, aí fundamentais), mas que se preocupasse em fazer com que esses saberes dialogassem com os desafios extenuantes que a "era da informação" (e da desinformação) nos traz.

Andréa Cátropa - doutora e mestra em Teoria Literária pela FFLCH-USP, atualmente realiza pesquisa de pós-doutorado (PPGDesign-UAM). É autora de *Homens adoram mulheres perfeitas* (Patuá, 2019); *Sem Sistema* (Patuá, 2017) e *Mergulho às avessas* (Lumme Editor, 2008).

Escrevo este texto em meu 87º dia de distanciamento social. O fato de parte de nós estarmos em casa, isolados, na tentativa de nos proteger de uma ameaça coletiva que, para outra parte de nós, não é mais assustadora do que as ameaças cotidianas me convida a usar a linguagem da sensibilidade.

Permaneci, durante alguns anos, paralisada diante da crise política brasileira - incapaz mesmo de acreditar na literatura e na pesquisa como um caminho. Repetia como um mantra uma frase de Hilda Hilst: "Teve gente pensante no planeta, mas tudo continua igual", sem me dar conta de que a havia colhido numa obra paródica escrita por alguém que jamais desistiu da literatura.

Agora que a crise política brasileira se torna mais aguda, curiosamente venho reencontrando o caminho. Quanto mais escuto vizinhos se agredindo na janela, quanto mais indiferentes ao sofrimento próprio e alheio as pessoas me parecem, mais eu acredito na literatura e na cultura como formas de capturar, ainda que por instantes, a atenção das pessoas e ajudá-las a tomar consciência de sua própria realidade.

A verdadeira razão da minha paralisia não era a crise

política, e sim o intenso conflito que ocorre no terreno da própria literatura entre duas concepções radicalmente distintas acerca daquilo que a define: de um lado, a aposta na dificuldade e na diferença, de outro, a reivindicação da representação e do reconhecimento. Sem ter consciência desse conflito, mas intuindo-o de alguma maneira, eu me colocava diante dos livros como alguém que perguntasse: “Que importância pode haver aqui nestes poemas, que deixam tanto mundo de fora?”.

Continuo sem saber como definir essa importância, mas já sou novamente capaz de senti-la no tanto de mundo que cabe em cada livro. Desde que a própria literatura me ajudou a identificar e nomear um conflito, sinto-me mais corajosa para voltar a caminhar, inclusive nas minhas próprias sombras. Para dizer o mínimo, não tenho por que não acreditar que ela fará o mesmo por outras pessoas, e isso talvez já seja bastante por hoje.

Luisa Destri – doutora pela USP e mestra pela Unicamp. É coautora de *Eu e não outra – a vida intensa de Hilda Hilst* (Tordesilhas, 2018); *Por que ler Hilda Hilst* (Editora Globo, 2005). Organizou a antologia *Uma superfície de gelo ancorada no riso* (Editora Globo, 2012).

Em tempos de isolamento, a literatura torna possível, ao transpor as margens do texto, confrontar a solidão dos leitores, revelando-se como uma janela para o mundo e para si mesmos. Ao forjar imagens a partir ou acerca da realidade, a **FICÇÃO** pode ensinar a olhar novamente, uma vez que ocupa o lugar legítimo de desconstrução das certezas cristalizadas e de procura de novos sentidos. Diante da letargia e da cegueira embotada dos dias atuais, a literatura, para Tzvetan Todorov, “permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano”. Assim, ela propicia o indispensável encontro com a radicalidade mais **profundo** do existir. A escrita carece de corpos despertos e pulsantes – a vida exige.

Para promover o ato de resistência, o exercício literário precisa decantar a palavra e, acima de tudo, manter a sua integridade em dizer o que mais do que nunca é necessário ser dito – o direito à vida e à liberdade –, não pactuar e denunciar as misérias e as injustiças sociais, visibilizar dissidências e corpos marginalizados. Na abertura para o novo e o impensável, a imaginação com a sua verve essencialmente criativa pode inaugurar o mundo no seu vir a ser constante e,

como imagens rebentando de **casulos**, gestar a promessa de um amanhã possível.

Andréa Leitão - graduada e mestra em Letras pela UFPA. Atualmente, é doutoranda em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP e professora de língua portuguesa do município de Belém, PA.

No tempo em que algo invisível, como um vírus, é o que mais atormenta uma espécie majoritária, como a nossa, podem a **FICÇÃO** e a poesia ser o açúcar - instilar seus caldos analgésicos e melíferos. Ou, em outro diapasão, continuar explorando as figurações sensíveis que negociam com o invisível.

Neste caso, estamos mais próximos ao cosmos xamânico, onde a forma do outro não é a coisa: A Forma do Outro é a Pessoa. Assim, o poético - da caverna de Chavet a Hilda Hilst, de Cervantes ao Rap em Guarani - está atravessado pelo animismo, ocupa vizinhanças de um *logos* originário, onde se negocia com a natureza em bases distintas das que suportam nossa civilização. A linguagem reside aí também entre pedras, **plantas** e animais. Não se trata de uma mistificação teológica do **invisível** a esterilizar a imanência. É uma permuta corporificante, entre o teluricarnal e o etericósmico, sempre inclusiva, sempre extensível a outras multiplicidades. Nesse veio, é incontornável recordar o quão provisório e recente é o nosso nariz afastado da terra; que a nossa mais alta ciência será sempre precária; que no claro-escuro das espécies nenhum trono ou camarote nos foi garantido, embora as religiões da terraplanagem apregoem o contrário.

“Crescei e multiplicai” disse o criador, a nós e a todos os seres, inclusive aos que não são vivos, como os vírus. Disse e logo nos demos as costas, mutuamente, como lembra Hölderlin. Se disso pode resultar um amargor na boca do humanista, ainda assim sabemos que é uma dádiva.

Em meio ao entrevero, revolucionário é fazer frente ao envenenamento psicológico capaz de desmotivar o coletivo a se constituir como comunidade. Onde resulta essa vida de padrão familiar, em que grassa o infantilismo moral: estamos sempre dependentes de um pai para nos salvar e de um bode expiatório para purgar nossa inércia. Resistir – como a memória acumulativa – talvez ainda esteja muito lastreado na reatividade, talvez seja preferível a resiliência, talvez seja preciso o esquecimento criador (em tudo avesso à amnésia cívica).

Abandonar os fósforos molhados, perseverar nas fagulhas que podem emperrar a máquina do ressentimento, que infecta – há muito e cada vez mais – a nossa vida social:

de tudo que dá na terra/ nos acinzentaram
a **imaginação** para as cores do desobedecer/
desobediência de rato e desobediência de leão/
desobediência de água-viva e desobediência
de mosca// ainda são bípedes/ os que vivem
de joelhos?

Marcus Groza - doutor em Artes Cênicas, escritor, dramaturgo e ensaísta. É autor de *e a lua como órgão principal* (Primata, 2017); *Sossego Abutre* (Patuá, 2015) e *Do Buraco à Poça* (Patuá, 2013). Seu ensaio "Hacia una poética del olvido" foi publicado em 2018, em Barcelona, na *Olvidar - Brumaria Works#9*.

Imersa em uma sopa de incerteza, no caldo tépido de uma distopia, tenho tendências niilistas, acusando o sem sentido da vida, invocando personagens clariceanas para dar respaldo às minhas sensações invisíveis.

Invento estratégias de superfície como em água viva: para não afogar usar uma boia de que tipo?

Reclamo um lugar em que a materialidade force um corpo a fazer sentido.

No entanto, não é sobre, mas sob o mundo que nasce a escrita.

A fabulação é uma via de dois níveis: nos leva para os mais belos campos ou para as paisagens mais sombrias, o que vale é que nos desassocia. Lá onde vamos - ali onde não estamos.

Ao mesmo tempo impalpável e imprevisível, cria mundos em sua dimensão gerativa: momentos de descuido onde talvez - incomodamente - viveríamos.

A boa arte, aprendi, deforma, talha, tira. Mas que jeito amargo de corroer enquanto tenta-se provisoriamente manter a vida.

O que pode a ficção? Provavelmente muito pouco. Sem valor no mercado, segue atacada em sua inutilidade. É preciso reivindicar que ela importa? Eis sua indomável tirania.

A literatura vai até o fim do mundo sem pretender salvá-lo.

Mas - e se imaginássemos que a literatura salva o mundo? De que mundo ela o salvaria?

A literatura não é nada sem a vida.

Adília Lopes:

Dia

sem poesia

não é dia

é noite escura

Mas a poesia é noite escura

Aline Leal, bolsista PNPd/Capes no departamento de Letras da PUC-Rio. É autora de *Sob o sol de Hilda Hilst e Georges Bataille* (PUC-Rio/Azougue, 2018) e de *Caroço* (7 Letras, 2016).

sonhar

Sou um tanto cético quanto ao poder da literatura em transformar a realidade. Acredito que não é função da arte resolver esteticamente as contradições dadas no real; no máximo, dá para se pensar no papel da obra de arte no contexto de uma práxis abrangente. Nesse sentido, penso na mesma direção de Walter Benjamin, que, no ensaio "Sobre o conceito de História", afirma que "nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento de barbárie"¹³, pois todo bem cultural se constitui sobre uma cadeia de explorações que possibilitaram as condições materiais nas quais esse bem foi gerado. Cabe à literatura, no meu entender, reconhecer-se como esse "monumento à barbárie", cristalizando esteticamente o horror contemporâneo, sempre renovado e, hoje, o mais horrível com o qual minha geração já se deparou. Não é que as circunstâncias que agora se apresentam, o avanço do populismo autoritário de direita, signifiquem um retorno à barbárie – não, pois a razão burguesa, liberal, que está nos fundamentos do Estado Democrático de Direito, sempre foi uma forma de administrar a

13 BENJAMIN, Walter. "Sobre o conceito de História". In: *Magia e técnica; arte e política*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 225.

barbárie, de instrumentalizá-la. Contudo, o que se vê agora é diferente, algo análogo – se não idêntico – ao fascismo: a barbárie como técnica de administração da vida social e das práticas políticas.

Assim, o tipo de resistência ao alcance do texto literário, como monumento autoconsciente da barbárie, é chamá-la pelo nome e não permitir que se oculte sob o discurso da ordem, da lei, da moral e da pureza de princípios. Trata-se de desnudar a barbárie, não apenas a denunciando, mas também a fazendo falar e se mostrar como tal, isto é, apropriando-se ironicamente de sua linguagem e de sua gramática para vocalizar seus interditos, perceptíveis através das contradições de seu discurso. Isso tudo, entretanto, com base no lugar social que eu ocupo e que é, também, o da literatura como campo: o lugar do privilégio, dos detentores do capital cultural. À margem disso, mas de maneira cada vez mais imperiosa, despontam escritores das classes e dos grupos até então excluídos e que, por meio da formalização estética de sua experiência social, podem contribuir com a literatura, dotando-a de uma nova perspectiva crítica e de novas possibilidades de resistência.

Emmanuel Santiago - doutor em Literatura Brasileira e mestre em Teoria Literária pela FFLCH-USP. É autor de *Pavão bizarro* (Patuá, 2014) e *A ave Lúcifer* (Patuá, 2020).

O momento terrível e desolador que estamos vivenciando permite, por seu caráter radical de **ruptura**, perceber dinâmicas e valores que durante o **circuito** normal da existência tendem a permanecer menos evidentes.

Nós estamos, nesse momento, diante de uma aparente paradoxo. Se por um lado a arte e a cultura aparecem como algo secundário diante da gravidade da situação catastrófica pela qual estamos passando, por outro as pessoas reconhecem na arte um conjunto de práticas que guardam em si uma dimensão fundamental de nós mesmos enquanto humanidade, como se ela nos ajudasse a reconhecer a nós mesmos enquanto espécie. O paradoxo portanto é a percepção de que a arte comporta algo de **essencial** para a humanidade, ainda que isso seja, no limite, absolutamente inútil em relação a nossa sobrevivência mais imediata.

Entretanto, o aparente **paradoxo** se desfaz quando conseguimos compreender que a dimensão mais profundamente humana das práticas artísticas consiste justamente em sua inutilidade aparente. A arte, enquanto fenômeno da linguagem, é o dispositivo por meio do qual nossa espécie se inventa enquanto humana. Por isso ficamos tão ávidos por arte nesse contexto de

confinamento. Não fossem os artistas, nós estaríamos reduzidos a condição de zumbis. Desaprenderíamos o que é ser humano. Porque o que nos torna humanos é justamente esse **vazio** inútil, essa dimensão que se afasta da pura subsistência, da *vida nua* desprovida de significado simbólico. E o que nos torna humanos tem uma dimensão fundamental de inutilidade.

Porque nós procuramos desesperadamente por lives e romances e filmes e séries e poemas nesse contexto de pandemia? Essa necessidade não tem a ver simplesmente com uma necessidade passageira de afastar o tédio e se distrair. Nós não precisamos da arte porque ela pode ser útil. Ao contrário, é a sua inutilidade que nos é fundamental. É a ela que recorreremos quando tudo o mais parece não fazer sentido. Não porque ela ofereça respostas práticas sobre o que fazer – esse é o campo realista dos prognósticos políticos e econômicos – mas porque ela nos lembra de nossa infinita capacidade de fazer perguntas impossíveis, e de imaginar respostas para questões que sequer foram formuladas.

Além disso, é a arte com sua capacidade de criar formas alternativas de uso da linguagem que torna possível imaginar formas de vida alternativas. Novas

formas de ser e sentir. A arte permite materializar sonhos enquanto dispositivos de linguagem, fazendo deles matéria para o pensamento. Ou seja, além de criar a humanidade em nós por meio da linguagem, a arte permite ao pensamento se questionar que tipo de humanidade nós julgamos digna de receber esse nome.

Ela não apenas cria o humano em nós, mas o qualifica. Ao assistirmos ao noticiário político e econômico nós conseguimos reconhecer onde fracassamos enquanto espécie. Mas a arte vai além. Ao assistirmos a uma live ou ouvirmos um disco de Alceu Valença, Alcione, Aldir Blanc, Moraes Moreira, nós somos capazes de imaginar possibilidades de beleza ainda não realizadas, e que podem ser impossíveis de conquistar no presente, mas que só podem ganhar vida no interior da experiência humana. E isso nos leva a compreender intuitivamente porque a vida humana merece ser preservada. Não por causa de alguma força transcendente que nos faça especiais diante do universo. Mas simplesmente para que aquele momento, aquela canção, aquela voz, sobreviva ao próprio tempo.

Acauam Oliveira - mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada e doutor em Literatura Brasileira pela USP. É professor e pesquisador da UPE (Universidade de Pernambuco).

A possibilidade da ficção é o que sustenta a **chama** do desejo. Num estado totalitário é preciso que possamos encontrar uma maneira de romper com o previsível, o explicável, com a ordem estabelecida. A poesia está aí tomando posição a partir daquilo que sempre excede, a partir do real.

Precisamos tomar a dimensão política da palavra no sentido de resgatar sua **ESPESSURA**. Em tempos de exceção em que é preciso lidar, com coragem e fulgor, com o intolerável, talvez tenhamos que perseguir as pequenas revoluções como um corte no totalitarismo do Um. Desse ponto mínimo e, no entanto, grandioso, um sentido de resistência pode fazer vicejar a subversão do sujeito, o ponto luminoso que preserva a possibilidade sempre em aberto de que um sujeito possa se contar fazendo do íntimo força política em direção ao comum.

Bianca Dias - mestra em Estudos Contemporâneos das Artes pela UFF e especialista em História da Arte pela FAAP. É psicanalista, crítica de arte e autora de *Névoa e assobio* (Relicário Edições, 2017).

Creio que as duas questões amarram uma única reflexão. Temos falado bastante – com razão – do potencial político da literatura e, em particular, da poesia. Tornou-se comum, assim, encontrar essas palavras na mesma frase: “literatura” e “resistência”. Outras enquetes têm sido feitas – e são muito importantes – pensando essa relação. Lendo as questões aqui formuladas, no entanto, ao me deparar com outra palavra – “revolução” –, percebo algo que me parece central: a própria diferença existente, há bastante tempo e cada vez mais, entre a circulação dessas duas palavras – “revolução” e “resistência” – no campo amplo da esquerda, da crítica, do anticapitalismo, ajuda a explicar muito dos nossos problemas. Ouve-se falar muito mais em “resistência” do que em “revolução” (e aqui devo dizer que minha tese de doutorado traz a palavra “resistência” na capa, mas era 2011...), quando, a meu ver, as novas dinâmicas ainda mais destrutivas impostas pelo capital aos povos (bem mais do que as simples derrotas da esquerda em termos institucionais) demonstram, de modo mais e mais agudo, a insuficiência da ideia de resistência (resistir a quê? resistir com quê?) e a urgência de uma reflexão e de uma ação precisamente *revolucionárias*, capazes de refundar o que chamamos de “vida”, nos mais diversos

sentidos, sociais, econômicos, políticos, culturais, ambientais etc. No entanto, nos acostumamos a falar de "revoluções" como modelos ultrapassados, como ideias incompatíveis com o presente e com o futuro, daí que, mesmo em ambientes acadêmicos, aqueles que ainda falam e sempre falaram em "revolução" tenham se acostumado a viver numa espécie de apartado com relação ao "mainstream" do debate; na mídia, o arco das possibilidades políticas, mesmo nos momentos em que mais se abre, como agora, vai apenas da extrema direita até os discursos da chamada "esquerda democrática", que assim é considerada justamente porque abandona a ideia de superação completa do sistema do capital, ou seja, afasta-se da vocação revolucionária para ser "progressista"; nos últimos tempos, até a excrescência do "olavismo", com sua natureza nazifascista, tinha (e tem e deu no que deu) direito ao microfone, mas o discurso revolucionário só é ouvido por aqueles que vão procurá-lo nos "nichos" em que luta para sobreviver. Curiosamente, vende-se a ideia de que o "marxismo" domina o mundo, as escolas, a cultura, tudo, e deve ser combatido, mas o nome de Marx praticamente só apareceu na televisão nos últimos anos quando foi citado por quem não leu sua obra; é coisa rara, mesmo hoje, que pensadores marxistas tenham suas ideias expostas e

consideradas com o mesmo destaque dos ideólogos do capital. Nem mesmo a palavra "capital" aparece na grande mídia; fala-se, genericamente, em "economia". Naturalizamos, assim, a ideia de que a tarefa de todos é a mesma: salvar o capitalismo de sua própria destrutividade, porque, segundo esse referencial, o capital está doente, não é a doença. Acho que foi Terry Eagleton que disse algo assim: a ideologia do capital se tornou tão forte que acreditamos em "fim do mundo", mas não em "fim do capitalismo". Dito isso, volto às perguntas: qual a possibilidade da literatura diante de um mundo desabando? Qual a revolução possível neste momento? Para as duas questões, o mesmo impasse: assim como não acredito que se possa antecipar o que a literatura vai fazer no momento seguinte (é sempre um novo poema que diz o que a poesia pode ser!), também a revolução é um processo imprevisível, que se construirá e aperfeiçoará no seu próprio movimento. O que não podemos abandonar é a ideia de que esse processo é necessário, vital, urgente. É preciso manter viva a ideia de que devemos colocar nossa energia – como indivíduos, como sociedade – a serviço de algo mais do que ser bombeiro dos múltiplos incêndios do capital. E, sim, acredito que a germinação da revolução pode começar em diversos campos, inclusive

numa literatura que tenha coragem de dizer as palavras que mais incomodam. E que mais precisamos ouvir.

Tarso de Melo - doutor em Filosofia do Direito pela USP. É poeta, advogado, professor e autor de *Rastros* (martelo casa editorial, 2019).

A escrita, seja a ficcional, a documental ou a poética, é uma maneira que encontramos de organizar o tempo e as impressões dele em nosso cotidiano, lembrança e na vida. Creio que nesse momento, escrever e ter contato com obras literárias sejam formas de alimentar a alma, a alma e continuarmos vivxs.

Eu tenho me debruçado na escrita autobiográfica. Portanto, acredito que a maior revolução, subversão e resistência que podemos fazer nesse tempo que vivemos é: escrever a história (real, ficcional, oficial) na primeira pessoa. Ainda que se invente uma *persona*, um pseudônimo, escrever na primeira pessoa. Assumir essa voz narrativa é um belo jeito de subverter a história que será e tem sido contada.

Maitê Freitas - doutoranda em Mudança Social e Participação Política na EACH-USP. É jornalista, atriz, produtora e gestora cultural. Criadora da editora Oralituras, idealizou o projeto Samba Sampa, da coleção literária Sambas Escritos.

Creio que a literatura está diante de um dos maiores problemas a ser enfrentados: o estatuto da verdade. Negacionismos de toda a ordem vieram à tona e não há o que os desfaça - e pensemos que para boa parte das pessoas, o termo "ficção" não está no campo da verdade. Isso, só para começar. No entanto, pensando sobre a urgência do real, há de se considerar a ideia de realidades. Se a ficção se dispuser a lidar com as tragédias de nosso tempo, ela terá de lidar com esse fato. Parece óbvio, mas podemos questionar, ao menos contemporaneamente: que obras estão considerando o olhar do outro (o "je est un autre", proferido por Rimbaud)? E aí entra o segundo elemento dessa questão, os limites de nossa "civilização". Por esse termo, entendo como "civilização" a civilização ocidental: capitalista, normativa, xenófoba, racionalista etc. etc... E onde nós, como artistas, estamos com nossos olhos diante dessa civilização? Não tenho dúvidas de que há muitos questionando esse tipo de civilização, exceto pelo terceiro termo do que listei: o racionalismo. Essa modalidade de pensamento é importante até certo ponto. Não que tenhamos que jogar fora a água da bacia com o bebê - mas qual é o limite dessa forma de pensamento? Aí entramos no campo do pensamento oriental, dos povos originários de diversas partes do mundo, considerar

categorias como intuição, **sonho**, imaginação... E aí, sim, ao pensar a partir dessas diferentes formas de conhecimento, poderemos nos arriscar a uma busca que amplia nossa percepção do real. Mas uma percepção sobre o mundo não pelo olhar do *mesmo*, mas do *outro*. Novamente, evocamos: *je est un autre*. Ao buscarmos – e busca aqui é uma palavra crucial – nos aproximar dessas alteridades, abrindo mão de nossos olhos e certezas, começaremos a dar importância para outro fator bastante negligenciado: a dignidade do ser. Lidamos muito abstratamente com a questão da dignidade, e raro os artistas que, apesar das adversidades, dão às suas personagens o estatuto da dignidade (para mim, o maior exemplo, na era moderna, reside em Chaplin, com seu Carlitos). Ao darmos espaço para a dignidade, mas não uma dignidade demagoga, começamos a oferecer um olhar para o mundo no qual as pessoas podem se perceber como seres que têm direito a habitá-lo e agir sobre ele. Somente com essa consciência, creio que possamos começar a pensar em revolução – o que não será já. Outras formas seriam possíveis, mas estaria me expondo para além de termos legais.

Diogo Cardoso - poeta e mestre em Filosofia pelo IEB-USP. É autor de *Sem lugar a voz* (Dobradura, 2016) e *Paisagens e pântanos* (Baboon, 2019).

Desde já, partimos da ideia de que uma revolução está em curso. E o mais paradoxal, para alguns de nós, é que ela se torna realmente visível somente quando uma pandemia global desafia a existência humana. O meio ambiente se encontra fora de perigo. O conceito "humanidade" não. Permitimos desigualdades sociais inimagináveis. Reencenamos estruturalmente a divisão de pessoas em hierarquias. Performamos com assiduidade relações fugidias e sem lastro. E apostamos, sobretudo, nossos patrimônios num desenvolvimento insustentável. Coros de descontentes na rua já se encontram: lutam por suas memórias, por dignidade, pelo princípio universal do trabalho, pelo exercício do amor e por condições de igualdade e oportunidade. Hordas de desobedientes já acusam o golpe a um sistema com sexo, rosto e cor de pele muito específicos no topo da pirâmide. E são pouco numerosos, aliás. Bem poucos mesmo, na verdade. São aqueles, os empreendedores da uberização da vida. Resta-nos abrir bem os olhos e sintonizar os ouvidos para encontrarmos como povo as estratégias, as formas e os conteúdos para desmantelar o que se insiste em chamar de "revolução tecnológica". Revolução verdadeiramente tecnológica é aquela que colocará a humanidade de volta nos trilhos, mesmo que seja com o auxílio luxuoso de recursos como a

linguagem ou a (corp)oralidade. Seja pela ficção ou pela poesia. Seja pela escuta originária, mas jamais pela obsolescência programada. A revolução chama-nos com um grito barulhento a ouvidos de muitos, mas ainda silencioso à escuta de muitos outros. E se perdermos esse bonde agora, quanto tempo mais precisaremos para por em prática o que Fanon nos diz em "Ô meu corpo, faça sempre de mim" alguém "que questiona"?

Savina João - bacharel em Artes Cênicas pela UnB, atriz, diretora e roteirista. Roteirizou e dirigiu o curta *A Mais Forte*, selecionado para o 17º Tirana International Film Festival/Albânia, 2019. Desde 2018, na Baubo Cia Performática, dirige e atua em *Pegadas Lamacentas* e *As fraquejadas: ao ponto, sangrando ou bem passadas?*

Há alguns anos atrás reuni textos em um livro intitulado *Das contradições do Capitalismo - ou: Metralhadora de chocolate* (MOTA & MOTA, Me Parió Revolução, 2017). O livro reúne textos publicados em um blog compartilhado com Eduardo, pai das minhas filhas, e versa sobre diversos temas, mas, sobretudo, sobre as contradições que são inerentes ao Capital e sobre as "metralhadoras de chocolate" que temos usado para combater esse sistema tão cruel e desumano.

O livro é tosco: não tem um cuidado maior com revisão gramatical, por exemplo. São textos nascidos da urgência, manifestos gagos, mas contundentes, com crítica e autocrítica inclusive a nós que, preocupados em cuidar da prole, não fomos para o campo da batalha física (embora, considerando que somos pretos, pobres e favelados, há controvérsias sobre estarmos ou não, fisicamente, em campo de batalha).

Retomo o livro porque, ironicamente, ainda acredito que as lutas contra o capitalismo e o combate a seus efeitos nefastos ainda perpassa o campo da arte. É por meio dela que ainda temos a oportunidade de reorganizar esse caos e propor rumos novos, utopias que nos direcionem a um mundo melhor. Retomo também pra

reforçar que a arte salva, infelizmente, não basta: estivessem os autores africanos de língua portuguesa ocupados apenas em escrever - e não tivessem, muitos, pego em **armas**, Moçambique e Angola seriam, ainda hoje, colônias portuguesas.

Vamos às ruas!

Dinha - pseudônimo de Maria Nilda de Carvalho Mota, doutora em Letras pela FFLCH-USP e, atualmente, pós-doutoranda em Literatura e Sociedade pelo IEB-USP. É professora e idealizadora do selo Me Parió Revolução.

A poesia, a revolução e a resistência estão sempre juntas. Não há como escrever, mesmo no mundo "normal", sem ser antimodelo. Os dias nos convidam à falta de atenção. E a escrita poética existe em estado de urgência. Em uma pandemia, isso se aprofunda. A poesia nunca é menos necessária ao mundo. A vida é exigente. Temos que comer, dormir, amar, sonhar, escrever. A dimensão da escrita nos ajuda a narrar o que vivemos. E narrar o que vivemos, é o que nos faz humanos.

Paula Autran – doutora em Artes Cênicas pela ECA-USP. É escritora, jornalista e pesquisadora. Autora de *Amor que parte* (Patuá, 2017); *Manifesto de mim mesma* (Patuá, 2014) e da peça-romance *Nos países de nomes impronunciáveis* (Patuá, 2015).

transitar

a poesia é a possibilidade. neste tempo de agora, eu me pergunto ao escrever: como sobreviver? se pararmos para pensar, morrer tem tomado outra dimensão de verbo, não é mais desses que deixamos distantes o quanto podemos do organograma cotidiano. respirar é o limiar. tememos tanto o lugar em que estamos como o que já foi e não mais será quanto também o que pode se seguir. abismo? éden? dissolução? no que mais tenho pensado? no quanto escrever é um ato de resistência. não podemos sair às ruas, nossos corpos são o torniquete deste momento. e a nossa voz? onde mora? o que pode fazer? escrever, tenho tido uma convicção cada vez mais crescente e perigosa sobre isso, escrever - lê comigo -, escrever, de novo mais do que nunca, é resistir. ao barulho que escorre das ruas. ao espirro que escapa das mãos. ao pó que ameaça a história. à sujeira que se esconde nas togas. ao absurdo que assina o país. à dor das almas acima dos números. das estatísticas. das probabilidades. de sermos. escrever é a possibilidade não só para quem escreve, mas também para quem lê e para quem não lê. para quem pega na mão dessa linha e enfrenta a imagem seguinte, o pensamento seguinte, o instante. porque

tudo isto, vejamos bem, já é memória. e revolução. quem nos guia? quem nos assola? com quem contamos? por que morremos? dizer. escutar. quiçá precisemos repensar verbos, ações, estados. volteia comigo este: escrever. compor, gravar, corresponder, rabiscar, exercer o ofício, o registro. escrever é narrar. se paramos em frente à palavra, pensemos juntos: como convivemos com "distanciamento"? como dormimos com "insuficiência respiratória"? como acordamos com "e daí"? como elaboramos o mundo? como realizar, organizar, produzir esse conhecimento? assimilar fatos, dados? compreender uma **metáfora**. compartilhar uma notícia. sobreviver a humanidade. a arte, seja em que formato for, a poesia é a possibilidade.

Dheyne de Souza Santos – doutoranda em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP. É poeta e mestra em Estudos Literários pela UFG.

Não apenas a ficção e a poesia, mas a arte como um todo, são a única possibilidade de nos salvar. É pela arte que pensamos o futuro, que imaginamos novos cenários, novos caminhos - políticos, filosóficos, cotidianos. Em geral, a literatura (para ficar apenas em um gênero artístico) é vista como algo não utilitário, sem serventia para a vida real. Mas é um engano: isso só faz sentido dentro da perspectiva capitalista. Mas o ser humano em si não é, em sua gênese, um produto capitalista. É a capacidade criativa e crítica que a arte contempla o que nos transportará para outro mundo - melhor, tomara.

Não parar de imaginar novos cenários, soluções para sairmos do lodaçal no qual nos encontramos, já é pura resistência, pura revolução em si. A revolução e resistência vêm da capacidade de olhar o mundo e não o aceitar como ele é, ou como uma minoria opressora quer que ele seja. Amar e fazer arte: pura revolução. Quem ama verdadeiramente o outro, a vida, sempre vai imaginar possíveis modos de se viver melhor. E imaginar é a base da arte. Tudo se fecha

Livia Deorsola - formada em jornalismo na Unesp e em Letras hispânicas na USP. É editora e tradutora, entre outros, das obras *Grinalda com amores*, de Adolfo Bioy Casares (Globo, 2019) e *De duas, uma*, de Daniel Sada (Todavia, 2017).

Lembrei imediatamente de Clarice Lispector que, como ninguém, consegue fazer uma dobra fundamental entre literatura e vida quando diz, em *A paixão segundo GH*, "viver não é relatável". Esse, me parece, é um bom lugar para pensar a ficção porque a situa em um meio-dizer. Estar nesse lugar permite abrir algumas brechas no que a urgência do real nos impõe e ler a civilização de outra perspectiva: seus limites são nosso ponto de partida e não nosso ponto de chegada. A ficção, assim, nos ajuda a pensar que os limites dados pela linguagem são também nosso ponto de partida, e que se trata menos de falta ou incompletude, e sim de transformar a ausência de palavra num vazio onde se pode arriscar algo novo. Seu meio-dizer é a possibilidade de circunscrever alguma coisa que assola nossos corpos, pensamentos, nosso tempo, sem perder de vista que há o real. Digo isso para que a ficção permaneça com seu perigo, sua equivocidade, para que ela afete o corpo e não apareça, apenas, como uma forma terapêutica para conformar os dias. A ficção inventa uma língua outra, torce a língua para que, partindo do meio-dizer, se mantenha a enunciação vibrante. Isso, mais do que relatado ou ensinado, é transmitido. Portanto, acho importante tomar a ficção como o engendramento ativo de uma possibilidade de criação, se viver não é

relatável, "terei que criar sobre a vida", continua Clarice. É nisso, me parece, que Ailton Krenak aposta como uma ideia para adiar o fim do mundo. É bonita essa ideia de adiar, porque é fazer com que esse encontro seja empurrado para frente o máximo possível, e para tanto, é preciso inventar uma série de gambiarras no espaço e no tempo que sustentem e transmitam a vida. Nesse sentido, a ficção não resiste ao real, mas aposta que, com ele, é possível tecer outros lugares. Talvez esteja aí sua potência de **revolta** que mobiliza os corpos. Esse momento que vivemos é mais uma chance, a chance de contar, mais uma vez, "era uma vez..." como começam as histórias infantis, mas sobretudo aquelas que improvisamos quando não há livros a mão, essas que, mais do que fazer dormir, despertam as crianças para um interesse no mundo. Já estamos advertidos de que o final feliz é controverso, mas podemos, partindo do impossível da linguagem, arrancar desse mar de horrores alguma alegria do **porvir**.

Flávia Cêra - doutora em Literatura pela UFSC, coordena o Núcleo de Pesquisa sobre Psicanálise e Cultura na Escola Brasileira de Psicanálise (EBP-PR). É psicanalista, membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise.

Palavra de isolamento

Atravessados pelo signo da morte, pela **incerteza** radical e vivendo o inimaginável estamos cada um de nós convocados, talvez como nunca, aos cuidados da vida. A poeira que se acumula com impressionante agilidade e volume, a despeito da intervenção ocasional de um aspirador de pó, ou dos corpos que, confinados, entram, saem, se esbarram, se abraçam e se estranham entre os cômodos deste apartamento em São Paulo, não parecem fazer frente à enxurrada persistente de indícios da calamidade que estamos sofrendo na realidade específica do nosso país, mas não só. Teto, chão e paredes ruidosas fazem casco a céu aberto para aqueles que podem seguir em trabalho de casa. Enquanto pessoas em hospitais relatam a convalescência avassaladora de corpos por uma partícula invisível e de ininteligível funcionamento, Miguel cai seguidas e ininterruptas vezes de um 9º andar, João Pedro é morto ao redor do Globo, os golpes de estado na América Latina se perpetuam em compulsiva repetição. A realidade se apresenta mais impensável do que as mais impensáveis construções ficcionais. A **TRAMA** que nos vemos enodados parece tão ou mais improvável que qualquer artifício já inventado. Contra a realidade dos fatos incontornáveis, a negação e as

fakenews seguem a **Contorcer** a verdade e a multiplicar a violência. A poesia parece poder cavar uma **PAUSA**, um silêncio, uma suspensão. Um movimento raro no frenético e paralisado mundo da pandemia. Frente a crueza do desamparo da frágil vida humana, um encontro com a poesia abre o tempo para cozer algo para fora da série bárbara. Alargar o tempo diante do abismo, despistar aquilo que nos espreita, **espreitar** nossas **tormentas**, faz talvez vislumbrar o **FIAPO** de palavra que resiste e insiste em pulsar vivo. Além de lavar as mãos, medir as distâncias dos corpos, avaliar leigamente sintomas clínicos próprios e dos próximos, lavar compras, apoiar, incentivar, contribuir, vibrar pelas pessoas que estão com seus corpos e trabalhos nas trincheiras da pandemia e do fascismo, desse confinamento lembra-se também que de palavras pulsa o corpo humano. Poder articular as artimanhas das palavras nos mantém no insólito terreno em que se pode respirar e olhar para a sobriedade da realidade quase que ao mesmo tempo. Ao menos entre uma respiração e a seguinte. E assim por diante.

Roberta Bechara Ventura - bacharel em Ciências Sociais na USP e em Fonoaudiologia pela FMU. É fonoaudióloga

clínica; aluna do curso Clínica Psicanalítica Conflito e Sintoma do Instituto Sedes Sapientiae. Atualmente, é membro associado da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia.

Pandemônio cinzento

A possibilidade de criar realidades ou sonhar futuros caracteriza a humanidade. O ato de caminhar pelo espaço propicia a criação e o sonho. Os privilegiados da pandemia puderam ficar em casa. Os desprivilegiados foram obrigados a continuar se movimentando pela cidade, como reflexo de sua **extenuante** rotina do trabalho. Ao **medo** de morrer pela mão dos policiais defensores das propriedades privadas dos homens brancos, somou-se o medo de morrer pelo invisível, pelo novo coronavírus em suas mutações brasileiras.

Vivendo na cidade, a proibição mais dura é aquela que não nos permite encontrar. A circunscrição à cidade-megalópole se tornou um aprisionamento pelo cinza, um abafamento pelos arranha-céus, uma visão reticulada a partir de varandas protegidas. Fica evidente que ver bustos em telas digitais não sacia nossa porção gregária. Os encontros virtuais são simulacros de realidade. Sentimos falta não apenas do **movimento** pela cidade, mas do mover-se em direção ao outro. Um outro que podemos olhar verdadeiramente nos olhos. Um outro a quem podemos saudar de corpo inteiro. O isolamento nos tira a integridade. E as instituições continuam

tentando nos convencer de que o digital pode ser íntegro. Não pode. Ele é apenas aliado da inteireza que nos faz humanos. Ele não é seu substituto.

A maior universidade brasileira resolveu fingir normalidade e anunciar que tudo continuaria à distância. *A USP não pode parar.* Precisamos continuar a formar alunos. Não há tempo de ver quem pode, quem quer, quem está vivo. A universidade não está aqui para dar o tempo necessário ao pensar. Ouvir a comunidade acadêmica dá trabalho, é melhor que poucos e sábios homens brancos de ternos cinzentos se reúnam e decidam por todos. Obedecer ao homem branco estadual é a ordem. Para eles, não é, nem nunca foi, tempo de revolução.

Engendrar a revolução e escancarar a resistência fechados em casa nos levou a produzir pontual e sistematicamente sons metálicos em janelas. Algumas foram atingidas por balas também metálicas. Houve o encontro dos medos da morte: o da morte pela bala fascista e o da morte pelo vírus invisível. E os negros, além desses medos, continuaram sentindo seu medo cotidiano e familiar de morrer simplesmente por serem negros.

A única revolução possível é aquela liderada pela periferia, pelas trabalhadoras e pelos trabalhadores, muitos deles uberizados. A derrocada do genocida que está no poder só poderá vir do clamor popular. A democracia liberal e burguesa em que nos metemos não pode mais ser nosso objetivo.

O pandemônio é lugar de risco em tempos **pandêmicos**, mas sonhar com a capital de Satã pode nos trazer infernais ideias sobre sua destruição.

Vanessa Martins do Monte – mestra e doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. É docente na FFLCH-USP e coordenadora do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (NEHiLP) e do Projeto M.A.P. (Mulheres na América Portuguesa. É mãe e tem dois enteados.